

CONTA BEIRADÃO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Conta Beiradão / Fundação Amazônia Sustentável. --
Manaus, AM : Fundação Amazonas Sustentável, 2021.

Vários autores.

ISBN 978-65-89242-23-9

1. Contos - Coletâneas - Literatura brasileira
2. Lendas - Amazônia

21-58045

CDD-869.308

Índices para catálogo sistemático :

1. Contos : Antologia : Literatura brasileira
869.308

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO GERAL
Virgílio Viana

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS
Valcléia Soledade
Luiz Cruz Villares

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE
Anderson Mattos

CAPA/PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Auá Mendes

CONCEPÇÃO E ORGANIZAÇÃO
Emerson Pontes

AUTORES

Neucilane . Vitoria . Soraia . Remilson . Erinelsson . Taila . Geovana . Javé . Suziane .
Tailane . Ingrid Tainara . Ingrid . Vitoria . Herlan . Andrey . Daniel . Ruth . Estelane .
Diego . Jonilson . Lilian . Clinton Salef . Matuzalém . Daniele . Ana . Claudemir .
Cristiane . Eloisa . Eron . Fernanda . Gonçalves . Guilherme Eduardo . Ketlen . Luana
Patrícia . Luana Melissa . Lucas . Paulo . Romeu . Tharliany . Vitória . Wesley Yasmim .
Abgail . Adriana . Adrielson . Alaison . Anailson . Antônio . Benedito . Betuel .
Charlene
Claudeir . Cledenilson . Cleverson . Darlene . Darlisson . Davi . Delessandro .
Derickes . Derley . Dorinei Edmilson . Elângio . Eliene . Elson . Elton . Erica . Evely
Flávio . Francinaldo . Gustavo . Israel . Itamara . Jaele Janiele . Jedeane . Joel
Amazonas . Joel Brazão . Joelson . Josiele . Jucinaldo . Keuri . Liliane . Liliene
Mailse . Maira . Marciel . Milena Priscila . Rômulo . Sérgio . Silvino . Suellen . Thiago .
Wartley . William Zaquias . Zidane . Alessandro . Elizia . Aldriene . Kebrem . Adriane .
Shaene . Alice . Emily . Katrini . Verônica Carla . Marcela . Samara . Joenia . Izabelle
Tatiana . Kellyane . Suyane . Elisa . Grazielly . Aderso . Henrique Fábio . Estevão .
Loren . Reneri . Ester . Josemir . Wesley . Jerbeson . Joyce Francimara . Glenda .
Luane Vitória . Manuela . João . Victor . Aldair . Pâmela . Erleoney . Beatriz .
Erlesson . Emelly . Vitória . Luiz . Selma

REVISÃO TÉCNICA
Anderson Mattos / Emerson Pontes / Nathalia Flores

APOIO
Amândio Silva / Jerônima Adorno

FOTOS
Bruno Kelly / Dirce Quintino / Emerson Pontes / Keila Serruya / Marina Amazonas

ILUSTRAÇÕES
Participantes do Projeto Incenturita



PREFÁCIO

A vida humana entrelaça-se ao tempo do vivido.

Ela exige a fabulação de nossos feitos, a contação de nossas aventuras, o registro do experimentado, a experiência dos sentidos.

Essa viagem, da arte de contar e narrar, começa antes mesmo de nascermos. Para muitos ainda na barriga da mãe; para outros, nos braços dos pais; mais tarde, nas reuniões de casa, da comunidade. Tudo vira motivo pra contar e escutar.

Pra mim, não foi diferente. Lembro-me de eu menina, fascinada, escutando na casa de minha tia, as histórias que meu avô Moacyr contava, sempre que vinha a Manaus, saído da comunidade do Jaraquí, no Rio Negro. Suas histórias não me deixavam dormir, de tão medonhas que eram, mas mesmo assim não abria mão de ouvi-las.

Mais tarde, quando dominei a leitura, outras narrativas passaram a me acompanhar. E, sem nem me dar conta, era eu quem já estava contando ao meu vô aquelas histórias do livro, quando ia para o interior passar as férias com ele. Mas aí ele dizia: "Tenho uma história melhor". E lá estava eu, novamente, a sua escuta.

Trago essa tempo à lembrança, porque, contar uma história, pra mim, significa que, em algum momento, a nossa existência e suas diferentes formas de ser e estar no mundo deixaram-se revelar pelas palavras, permitindo-se fotografar por um instante. Mais que isso, contar é marcar um lugar de fala, é pretender uma escuta que me transporta a lugares vários e vidas outras.

O Beiradão nos conta, neste livro, por meio de seus contadores, quem ele é e quem dele faz parte. Acredite quem quiser.

Ao ler as histórias do Beiradão, voltei ao tempo, na sala de minha tia: tive medo de reencontrar as mizuras e as visagens; relembrei os ditados de minha mãe sobre a água não ter cabelo; revisei os seres fantásticos Boto, Cobra-grande, Mula sem cabeça, Mapinguari, mas também conheci Rodolfo, o jacaré.

A malária ainda acompanha o dia a dia do Beiradão, mas ela não impediu que o motor, a rabeta, a canoa ou mesmo a balsa, com a permissão do rio, trouxessem à escola as professoras Maria Lúcia e Laura, nem impediu que muitos desbravadores desses tempos, como Seu José Garrido, acreditasse no lugar e ali criasse uma vila.

Li sobre a solidão da noite de muitos, das necessidades por que alguns de seus habitantes passam. Mas também me deparei com redes, caniços, zagaiais, espingardas, enxada, instrumentos da pesca, da caça e da roça que alimentam sua gente. Colhi castanhas, peixes e vi lindas aves.

Saltam aos olhos, ainda, a alegria de um banho de rio, a amizade entre os vizinhos, a ida ao jogo de futebol, os risos e atividade do trabalho. São momentos de pura celebração da vida em comunidade.

O Beiradão que experimentei nessa viagem de palavras, é assim: plural! Pleno de cor, cheiro, sabor e existências. Ele é o lugar que margeia os rios, é aquele que namora as águas, que por ele transbordam de amor na cheia; é aquele que abraça seus moradores, venham de onde vierem e lhes oferece abrigo.

O Beiradão tem muita história pra contar e eu lhes convido a ouvi-las.

Era uma vez um lugar...

Era uma vez um rio...

Era uma vez uma floresta...

Era uma vez um povo!

Eis o Beiradão!

Maria Lúcia Tinoco Pacheco



APRESENTAÇÃO

A vida nos beiradões da Amazônia é uma Vida literária.

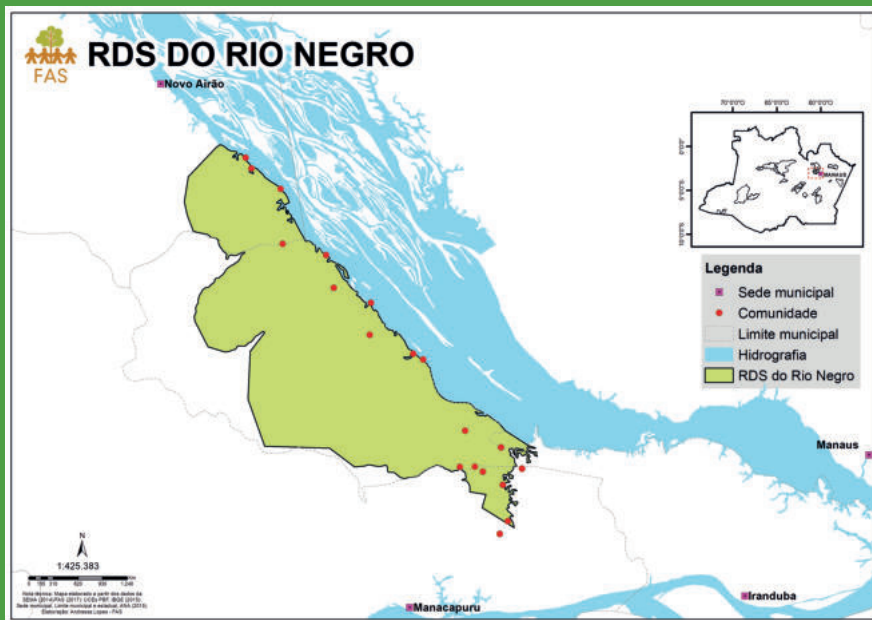
Nestes lugares, atravessando os séculos e gerações, resistem histórias que não somente expressam o cotidiano de seus habitantes, mas também o criam e recriam. Das histórias, sempre tem quem conta e quem ouve. Geralmente o contador de história é uma pessoa mais velha, e são os anos e a experiência que lhe permitem contar o passado. São histórias sobre a floresta e o que nela vive, visível ou não. As histórias também são sobre os costumes, sobre a Vida e a Morte. São relatos que buscam explicar alguma questão da natureza, do porquê as coisas são como são. Tem aquilo que se conta para disciplinar e explicar o que pode e o que não se pode fazer. As histórias vêm ao mundo e o atravessam, com a função de entreter, educar e informar. Elas explicam o mundo interior do indivíduo, e o que está fora dele. Seja na caça, na pesca, na roça, ou mesmo na festa e na refeição, pra quem vive no beiradão, todo momento é momento pra se contar uma história.

Durante dois anos, de forma fixa ou em trânsitos, eu vivi às margens de rios. Ia ao encontro de jovens que tinham e tem muito a contar. Dessas juventudes do beiradão, eu ouvi muitas histórias e até pude contar algumas minhas.

Com o tempo, imersos neste grande patrimônio imaterial, e inspiradas nele, começamos a produzir diversas artes juntos aos jovens. Já compreendendo as histórias como ferramentas didáticas e inspirações artísticas, passamos a estimular que os jovens as escrevessem em papéis, que pouco a pouco foram sendo armazenados em nosso Acervo de Histórias de Vida. É deste Acervo que surge este livro, que é um conjunto não apenas de histórias contadas por jovens ribeirinhos e indígenas, que habitam beiradões de diversas localidades do Estado do Amazonas – o que por si, já é bastante especial – as narrativas deste livro também carregam consigo traços da ancestralidade e do Passado destes jovens, bem como o seu Presente e aquilo que desejam para o Futuro. Por tudo isto, imortaliza-se nesta obra, duas das mais genuínas experiências humanas: a criatividade e a Memória.

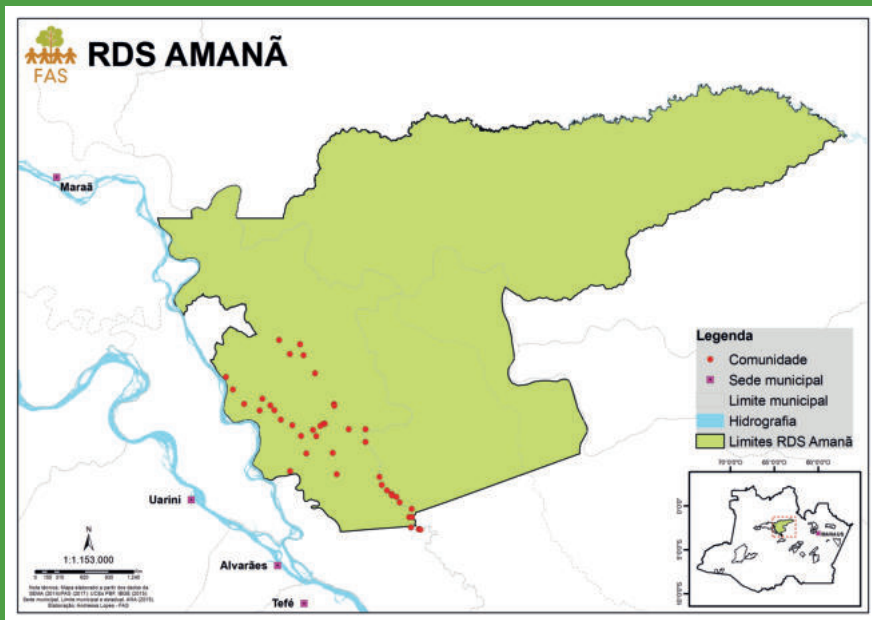
Emerson Pontes
Arte-Educadora

Manaus, 17 de novembro de 2020



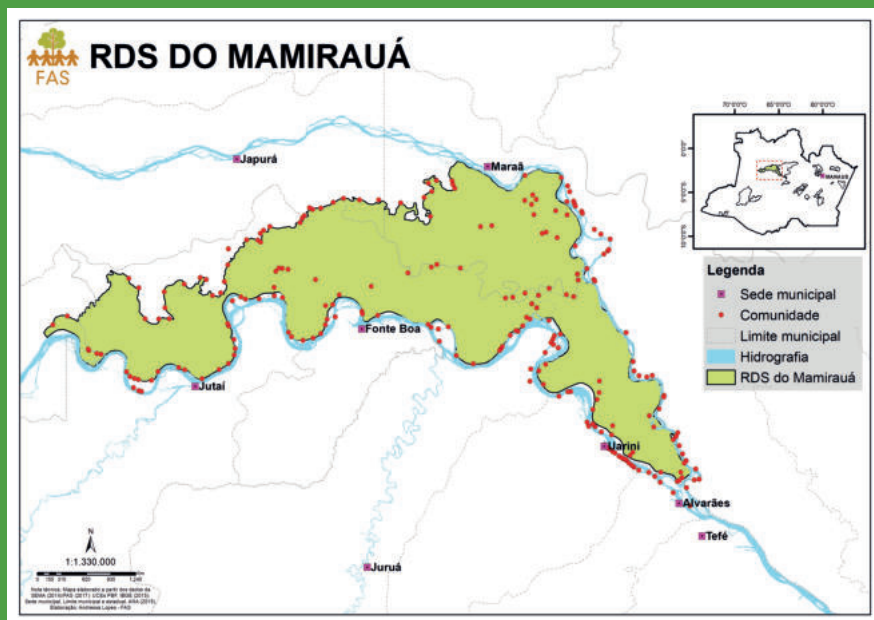
RDS RIO NEGRO

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro, ou RDS Rio Negro, é uma unidade de conservação que abrange os municípios de Novo Airão, Íranduba e Manacapuru. A unidade foi criada em 2008 e possui área de mais de 103 mil hectares, o que equivale a mais de 103 mil campos de futebol! A unidade compõe o Corredor Central da Amazônia e o Mosaico de Áreas Protegidas do Baixo Rio Negro (que é um conjunto de unidades de conservação que formam um corpo só no Rio Negro, e tem como missão o fortalecimento da conservação ambiental numa escala territorial mais ampla e unificada). Mais de 600 famílias ribeirinhas habitam a região, que têm como principais atividades a agricultura, o turismo e o manejo florestal madeireiro.



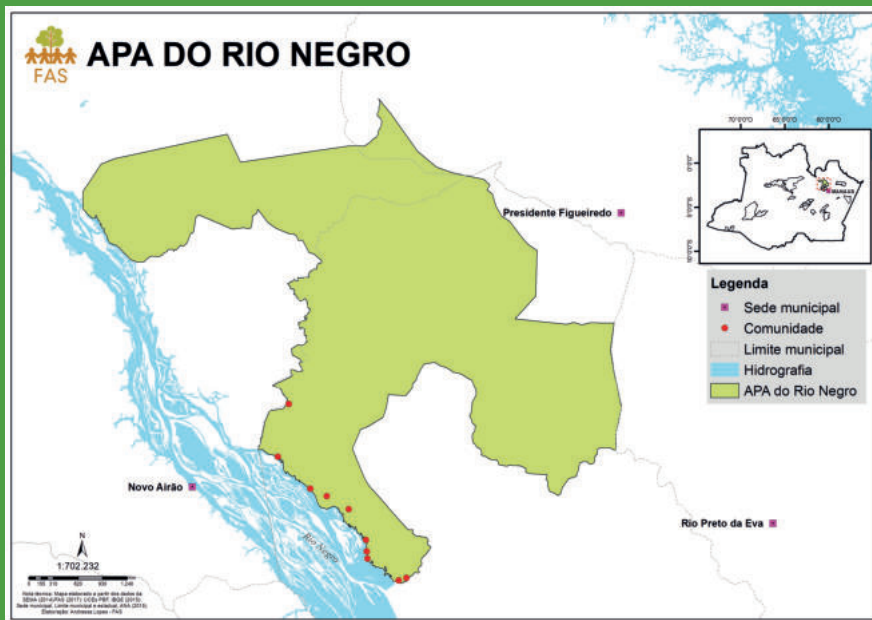
RDS AMANÃ

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Amanã, ou RDS Amanã, é uma unidade de conservação que abrange os municípios de Maratá, Codajás, Coari e Barcelos, Amazonas. A unidade foi criada em 1998 e possui área de mais de 2.350.000 mil hectares, o que equivale a mais de 2 milhões e 350 mil campos de futebol! A RDS Amanã constitui a maior área protegida em floresta tropical da América do Sul e é considerada um Patrimônio Natural da Humanidade. O nome da RDS se refere ao Lago do Amanã, um dos maiores lagos existentes na Amazônia. A RDS existe entre duas bacias hidrográficas, sendo drenada por águas escuras e barrentas de rios como o Negro, Japurá e Solimões. É uma região de extrema importância biológicas, pois a diversidade de ambientes favorece a presença de uma numerosa riqueza de espécies de todos os grupos, além de muitas espécies raras e ameaçadas, como o uacari-preto, peixe-boi e gavião-real. A população de Amanã vive principalmente de atividades de subsistência como a agricultura, a caça, a pesca e o extrativismo de cipó, de óleos de copaíba e andiroba e de frutos selvagens.



RDS MAMIRAUÁ

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá, ou RDS Mamirauá, é uma unidade de conservação que abrange os municípios de Uarini, Fonte Boa e Maraã, estando próxima à Jutai, Alvarães e Tefé. A unidade foi criada em 1990 e possui área de mais de 1.124.000 mil hectares, o que equivale a mais de 1 milhão e 124 mil campos de futebol! A RDS Mamirauá constitui a maior unidade de conservação em áreas alagadas do Brasil, possui mais de 500 lagos identificados e é considerada um Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO. O nome da RDS se refere ao Lago do Amanã, um dos maiores lagos existentes na Amazônia. A RDS existe na confluência dos rios Solimões e Japurá, ambos rios de águas barrentas formando uma imensa região de várzea. A RDS Mamirauá tem o objetivo de preservação da biodiversidade e garantia da qualidade de Vida das populações tradicionais locais (indígenas e não-indígenas). A região biodiversa possui mais de 200 espécies de árvores identificadas, mais de 300 espécies de peixes e aproximadamente 340 espécies de aves já foram registradas para a região. Cerca de 70 comunidades ribeirinhas habitam a RDS Mamirauá e vivem de atividades como o cultivo da mandioca, caça, turismo e principalmente o manejo do pirarucu.



APA RIO NEGRO

ATRIBUTOS NATURAIS : Localiza-se no interflúvio Uatumã-Trombetas. Em sua cobertura vegetal encontram-se Chavascas, extensas Florestas Tropicais e mostras de Florestas de Campinaranas e Sub-montanas da região de Presidente Figueiredo. Faz parte do Mosaico de UCs do baixo Rio Negro, que tem ao todo 1,8 milhões de ha e integra o Corredor Central da Amazônia. Drenada pelo rio Cuieiras, a 70 km de Manaus.

BIODIVERSIDADE : a área representa uma zona de amortecimento para UCs de proteção integral, e é habitat de espécies importantes como o Galo da Serra (*Rupicola rupicola*), o Sauim de Coleira (*Saguinus bicolor bicolor*) e o Gavião real (*Harpia harpyja*).



SUMÁRIO

A Água não tem cabelo	11	Minha vizinha	52
A Cobra barco	13	Mizura do luar	53
A cobra grande	15	Mizura da praia	54
Aconteceu comigo	16	Nova Esperança	55
A festa	17	O azar de Seu José	56
A galinha do mato	19	O Boto e o Pescador	57
A história de Maria Lúcia	21	O buraco	59
Alagação	23	O caçador	60
Alimento	25	O Cupuaçu e o Rio	61
A mentira	26	O furo	62
A mulher que enganou o boto	27	O grande jacaré	63
A origem do Rio Mariepaua	28	O homem e o Tucano	65
A Vida de Rodolfo	29	O homem que morava sozinho	67
Arraia	30	O Povo Baré	68
Bacaba	31	O que o rio leva, nem sempre devolve	69
Calor com mizura	32	Os dois viajantes	71
Carreira de cobra	33	O sentimento de um filho	72
Cavalo se cabeça	34	O velho caçador	73
Cobra boa	35	Ovos de cobra	75
Comida de jacaré	36	Perseverança	77
Curumim	38	Praia grande	79
Curupira	40	Poraquê	80
Dia de pescaria	41	Seringal	81
Grande Luz	42	Terça-feira	82
História de José Garrido Filho	43	Tubarão	83
História de pescador	44	Tucunaré	84
Jararaca-do-rabo-branco	45	Uma noite e tanto	85
Lugar que não se caça	46	Uma noite inesquecível	87
Mapinguari	47	Uma noite misteriosa	88
Meu avô	49	Um dia na mata	90
Meré-Meré	50	Um dia na praia	91
Minha mãe	51	Visagem branca	92

A água nao tem cabelo

Autor(a): Tailane da Costa Cruz
Região: Rio Cuieiras, APA Rio
Negro, Manaus - AM



Lá onde eu morava no Jaquiri, quando o rio enchia, ele cobria as terras que ficavam alagadas. Um dia eu e minha irmã fomos tomar banho no pequeno igarapé perto da comunidade. A gente estava toda contente e meu pai, que foi junto, sempre falava: "Se divirtam mas não vão para o fundo da água, porque água não tem cabelo - tua avó que sempre fala". E nós não ligamos muito pra isso. A gente mergulhava, jogava água pra cima e corríamos uma atrás da outra, de manja-pegas na água. Era só entusiasmo. E meu pai olhava e repetia: "Vão pra beira Tailane e Tainara, vocês vão se afogar".

Em um pequeno descuido, começamos a ir para o fundo do igarapé. Era uma tentativa de salvar a outra, se agarrando. Cada vez íamos mais para o meio do igarapé. A água já estava cobrindo nossos narizes. Sem conseguir respirar naquela agonia, o desespero era total. Pensava: "Cadê meu pai pra nos salvar? Cadê ele que não vinha?". Eu achei que ia morrer afogada e agarrada na minha irmã. Até que meu pai varou na água e tirou nós duas daquele momento. Foi muita alegria de ter um pai que nos salvou. Depois ele falou: "Viram o que eu disse? Água não tem cabelo".

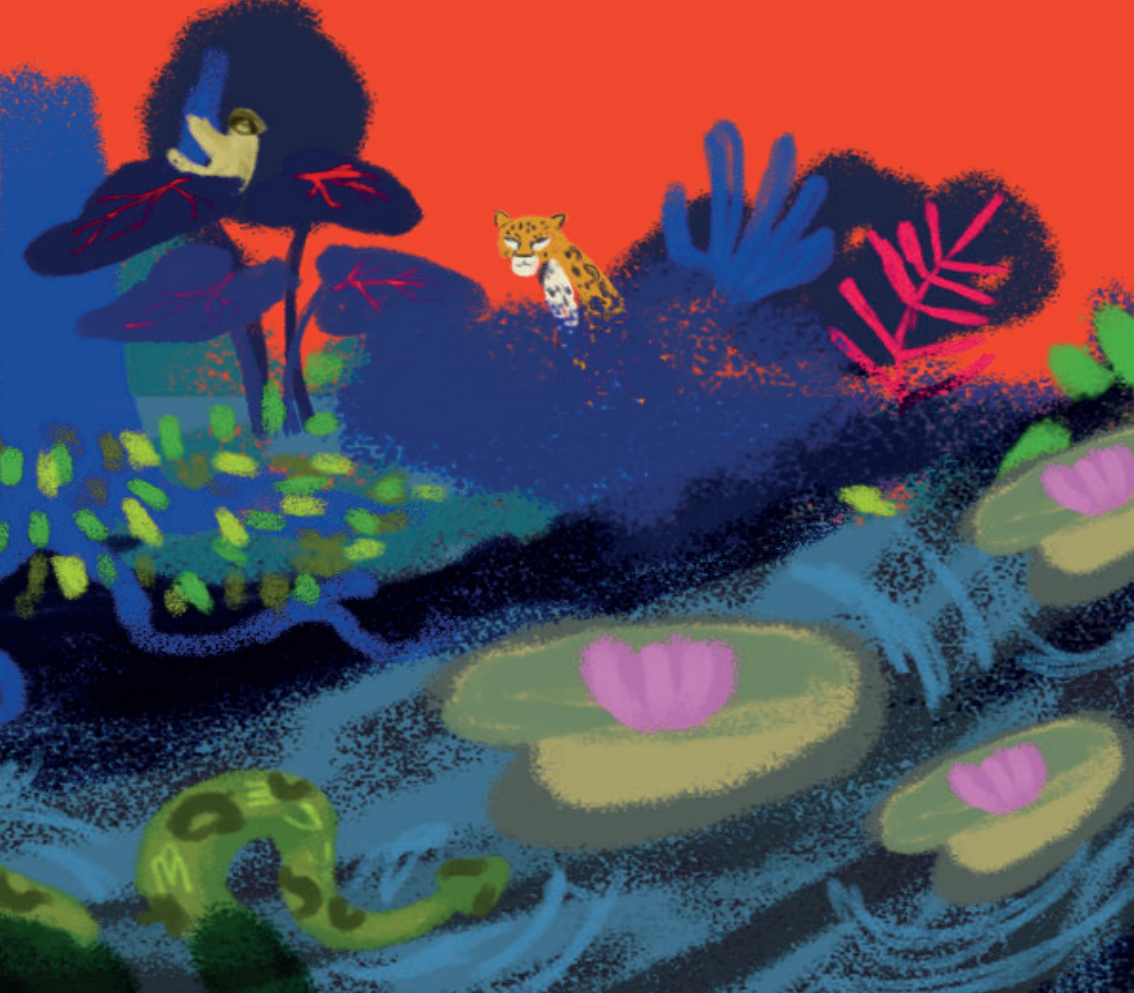


A cobra barco

Autor(a): Ruth Ramos dos Santos
Região: Rio Cuieiras, APA Rio
Negro, Manaus - AM



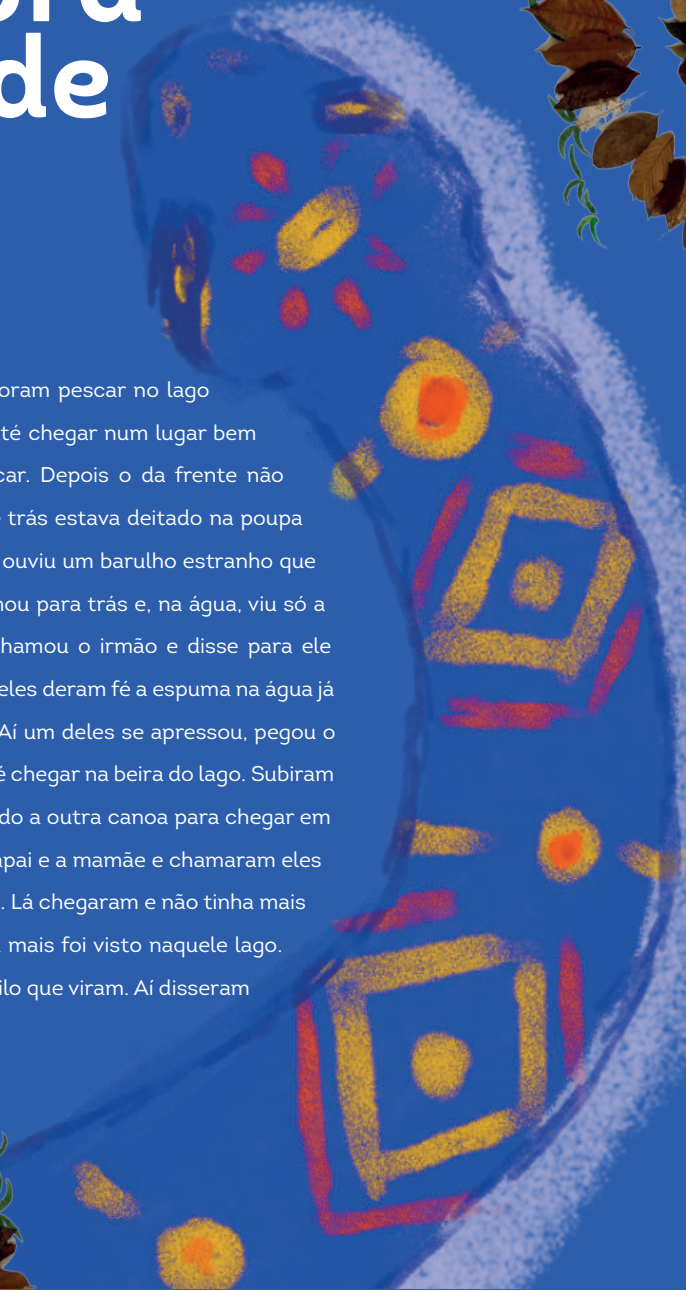
Havia uma senhora que morava em Itacoatiara, chamada Dona Emília, ela tinha uma casa em cima de um barranco. Todo dia umas 6 horas da tarde, ela ia olhar o rio lá de cima com suas duas netas. Um certo dia, essa senhora foi lá para cima, mas dessa vez foi sozinha. De repente, ela viu um barco se movendo todo iluminado e quando chegou bem de frente da casa dela, o barco sumiu. Já estava escuro e ela escutava gritos de gente desesperada. Como Dona Emília tinha muita experiência com esse tipo de coisa, ela percebeu que o que ela tinha visto na verdade não era um barco, mas sim uma cobra grande que veio disfarçada em forma de barco.



A cobra grande

Autor(a): Riquelme
Região: Paranã do Amanã, RDS
Amanã, Maraã – AM

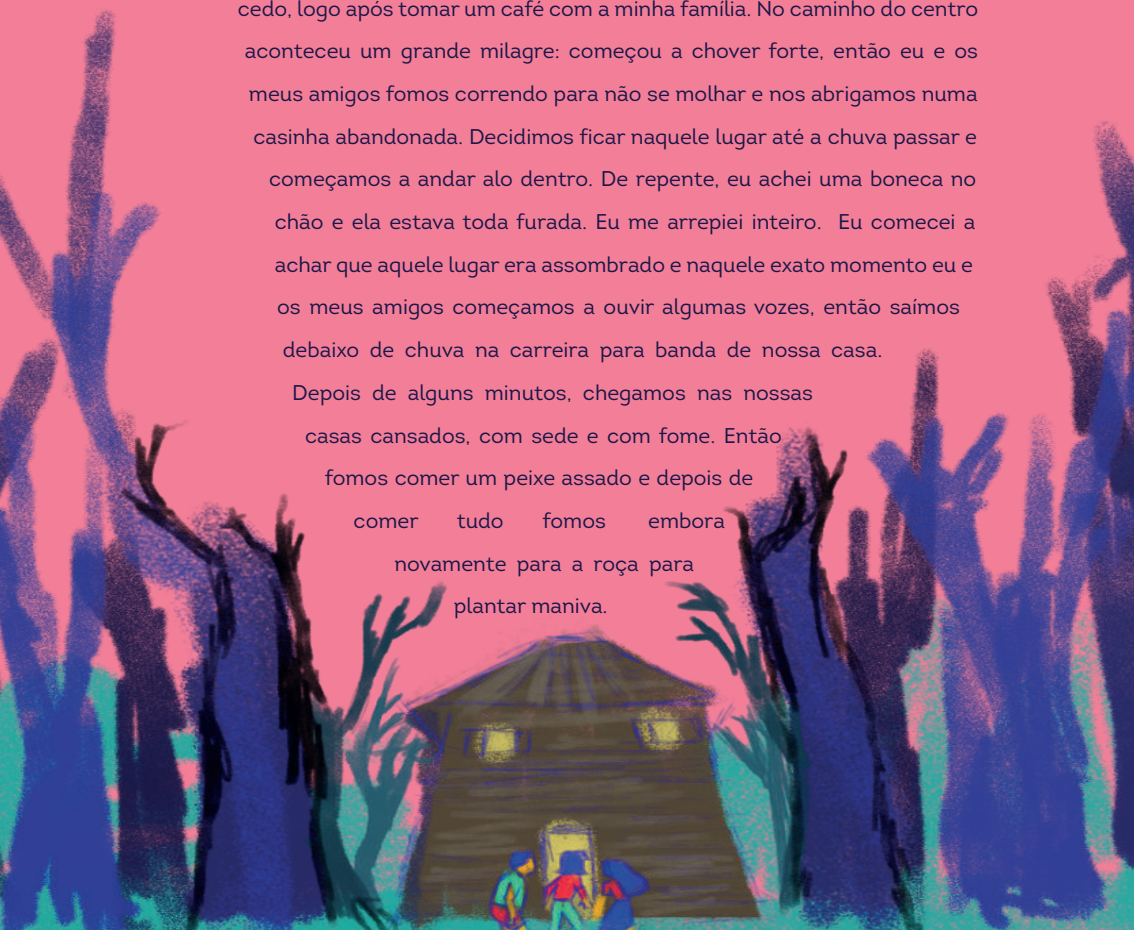
Era uma vez meus irmãos foram pescar no lago do Arate. Remaram muito até chegar num lugar bem limpo e começaram a pescar. Depois o da frente não queria saber de nada e o de trás estava deitado na poupa da canoa. Até que o de trás ouviu um barulho estranho que parecia chuva. Então ele olhou para trás e, na água, viu só a ponta do rabo. Então ele chamou o irmão e disse para ele olhar aquele bicho. Quando eles deram fé a espuma na água já vinha de debaixo da canoa. Aí um deles se apressou, pegou o remo e começou a remar até chegar na beira do lago. Subiram em terra e correram, pegando a outra canoa para chegar em casa. Lá contaram para o papai e a mamãe e chamaram eles para ir lá no lago ver o bicho. Lá chegaram e não tinha mais nada. Até hoje aquilo nunca mais foi visto naquele lago. Eles nunca esqueceram aquilo que viram. Aí disseram que era a cobra grande.



Aconteceu comigo

Autor(a): Estevão Gabriel
Região: Rio Solimões, RDS
Mamirauá, Uarini - AM

Teve um dia que tudo amanheceu muito lindo. Haviam crianças brincando e pássaros cantando, mas para mim seria um dia triste. Era dia de ir para o centro e plantar maniva. O tempo estava seco e fazia um calor danado. Nós saímos cedo, logo após tomar um café com a minha família. No caminho do centro aconteceu um grande milagre: começou a chover forte, então eu e os meus amigos fomos correndo para não se molhar e nos abrigamos numa casinha abandonada. Decidimos ficar naquele lugar até a chuva passar e começamos a andar alo dentro. De repente, eu achei uma boneca no chão e ela estava toda furada. Eu me arrepiei inteiro. Eu comecei a achar que aquele lugar era assombrado e naquele exato momento eu e os meus amigos começamos a ouvir algumas vozes, então saímos debaixo de chuva na carreira para banda de nossa casa. Depois de alguns minutos, chegamos nas nossas casas cansados, com sede e com fome. Então fomos comer um peixe assado e depois de comer tudo fomos embora novamente para a roça para plantar maniva.





A festa

Autor(a): Joel Amazonas
Região: Rio Maripaua, RDS Juma,
Novo Aripuanã - AM

Era uma vez dois homens e duas crianças. O mais velho, tio do pai das crianças, se chamava Eric e o nome do pai era João. O menino mais velho se chamava Diego e o mais criança era o Manuel. Essa noite estava muito escura, sem luar. O Eric disse para irem embora da festa onde estavam, porque estava muito tarde. Nesse exato momento, eles foram para a beira e o Diego estava secando a água da csnoa. Já era umas 3 horas da madrugada na comunidade Bacabal. Estava se formando um tempo feio. Ia cair um temporal. Aí o Manoel disse: "Papai está muito feia a noite. Parece que vai chover e vamos ficar aqui. É melhor amanhecer e depois a gente vai". Mas o pai respondeu: "Não, obedeça a decisão do seu tio". Com o passar dos minutos, entraram na canoa e funcionaram o motor. Saíram rumo da viagem. Era muito longe a sua comunidade e então um desastre muito feio aconteceu. A canoa tocou em um toco. Depois disso a canoa alagou. Sem nenhuma lanterna, e todo mundo aperreado, era gente chorando desesperado com medo de algum animal ou alguma outra coisa. Ficaram na água segurando em madeiras boiadas. Horas depois passou um homem e Eric gritou pedindo ajuda. O homem ajudou e então, eles puderam ir para as suas casas e saíram felizes porque estavam todos vivos e estavam chegando em suas casas, que eram na comunidade Primor, localizada no Rio Mariepaua.



A galinha do mato

Autor(a): Aldriene da Silva Rodrigues
Região: Rio Solimões, RDS Mamirauá,
Uarini - AM



Era uma vez uma galinha que tinha sete pintinhos. Todas as sextas-feiras, à meia noite, ela passeava com seus filhotes, cantarolando perto da casa de um senhor, que ficava assustado com aquela marmota.

Toda vez ele olhava pelas brechas de sua casa, mas apenas ouvia seus gargarejos, sem nunca conseguir vê-la passar. Seus pelos do corpo se arrepiavam todos. O senhor já cansado de viver isso, decidiu esperar a galinha passar. Esperou até a próxima sexta-feira e se preparou com um pedaço de pau. Escondeu-se atrás de uma árvore e ficou ali esperando a galinha até a meia-noite. E quando levou a vista, viu apenas os matos mexerem e os gargarejos seus e de seus pintinhos. A galinha parecia agressiva. O senhor não sabia o que fazer porque não via a galinha, então balou o pau na direção da zuada. Ao vira de costas, a galinha correu atrás dele. Ela avançou em cima dele e arranhou todo o seu corpo. Ele caiu mas levantou-se do chão rapidamente se debatendo todo, pois não via a galinha. Entrou desesperado em sua casa e conseguiu ouvir a galinha e seus pintinhos indo embora. Gargarejavam, mas pareciam estar com muita raiva. Seguiram seu caminho. O Seu Neguinho, já calmo, teve a certeza de que não era apenas uma galinha normal, como ele pensava. A galinha e seus pintinhos eram uma visagem. Até hoje, nas comunidades, se vocês ouvirem a galinha da meia-noite, te peço para deixarem ela passar e seguir seu caminho.



A história de Maria Lúcia

Autor(a): Lucas Patrick Macedo
Região: Rio Negro, RDS Rio Negro,
Iranduba - AM



A primeira professora oficializada deste local se chama Maria Lúcia da Silva Garrido, que trabalha na educação desde o ano de 1986, quando a comunidade Tumbira ainda pertencia ao município de Novo Airão. Começou a sua carreira profissional aos 20 anos de idade quando cursava a antiga quarta série do Ensino Fundamental. Iniciando seu trabalho na própria residência, pois não tinha escola para trabalhar e haviam muitas crianças e jovens que nunca tinham frequentado uma escola. Nessa época a prefeita de Novo Airão apostou na professora Maria Lúcia para dar prosseguimento na sua área de educação, contratando-a e em seguida, construiu a primeira escolinha chamada Santa Rita. Ela achou difícil ingressar na profissão, pois não tinha preparação para isso mas aos poucos foi pegando a prática por meio dos cursos de capacitação de professores. Cursos que muito contribuíram para sua formação. Como ela ainda não tinha ensino fundamental e ensino médio completo, teve que participar de diversos cursos de formação. A Professora Maria Lúcia fez licenciatura em letras e literatura portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas, assim como graduação em metodologia de língua portuguesa. Hoje a professora Maria Lúcia encontra-se lotada na escola municipal Santa Rita localizada na comunidade Tumbira. Ela trabalha com as crianças do 1º ao 5º ano do ensino e também no ensino médio na Escola Estadual Thomas Lovejo, onde desenvolve seus trabalhos de forma eficiente e com responsabilidade. Ela também já deixou sua contribuição na educação em outras escolas da comunidade vizinha como as comunidades Terra Preta, Saracá e Inglês. Até voltar para a comunidade de Tumbira, ela ajudou muitas outras. Maria Lúcia tem 56 anos de idade e 32 anos de trabalho na educação. Não se cansa com o que faz e sempre busca dar e fazer o melhor pela aprendizagem de seus alunos. Tem como grande sonho a ser realizado em sua vida, fazer mestrado para completar a sua carreira profissional na educação.



Alagação

Autor(a): Wesley de Oliveira
Região: Rio Solimões, RDS
Mamirauá, Uarini - AM

O que eu vou contar aconteceu mais ou menos a 17 anos, eu ainda nem morava no interior. Eu e minha família, só vínhamos passear na casa do meu avô. Foi um dia muito bacana quando isso aconteceu. O meu avô emprestava dinheiro para as pessoas e aí chegou o dia dele cobrar essas pessoas. Estava eu, meu avô, meu irmão mais novo e meu primo, que era o motorista da canoa. A viagem de ida foi boa, mas a de volta que foi o negócio. Deu um temporal tão forte que a gente não enxergava nada no rio em nossa frente e o banzeiro que estava praticamente afundava a canoa. Além disso eu e meu irmão vínhamos bagunçando e o nosso primo também. O nosso avô estava bravo.

Quando a canoa começou a entrar água e não tinha nada para secar a canoa, a gente estava tentando tirar água da canoa usando as nossas mãos e sandálias, mas não adiantou muito. A canoa alagou e todos nós fomos para o fundo. Nem eu e nem o meu irmão sabíamos nadar, eu me segurei em um pau que estava no meio do rio, mas foi rápido porque o banzeiro me jogou na beira. Ainda bem. Enquanto isso o meu irmão ainda estava na água segurando no pescoço do meu avô e o meu avô, ao mesmo tempo, segurava a rabeta e a canoa. Já o meu primo estava nadando pegando as coisas que tinham fugido e boiavam na água. O meu avô deixou o meu irmão no mesmo pau que eu tinha segurado e eu fiquei olhando de cima do barranco. Eu chorava pedindo ajuda enquanto meu avô falava para ele aguentar. Eu gritava pedindo para ele não deixar o meu irmão morrer até que o banzeiro passou e nós subimos na canoa. Nosso avô tirou umas varinhas para nós remarmos até chegar em casa, quando a gente chegou em casa, já era quase à noite. Não demorou muito e começou a chegar gente de lancha atrás do vovô perguntando se ele estava vivo só porque acharam o chapéu que ele tava usando mas ainda bem que todos nós chegamos bem em casa.

Alimento

Autor(a): Estevão Gabriel
Região: Rio Solimões
RDS Mamirauá, Uarini - AM

Um determinado dia na comunidade limão, a família do seu Antônio há alguns dias não comia nada, pois a cheia só rendia uma pesca de peixes muito pequenos. Havia uma grande crise de queimadas na época. Ele caçava mas não conseguia pegar nada para garantir a alimentação de sua família. Como sempre muito guerreiro se reuniu com a sua família, e disse a todos os meninos, que naquela noite haveria uma grande caçada. Assim foram e partiram todos para a floresta. Muito experiente que era, seu Antônio viu um rastro de anta e seguiu até encontrar o animal. Ele conseguiu derrubar o animal e levá-lo para a sua casa naquele dia. Tratou uma grande anta e fizeram a maior refeição de suas vidas. Todos ficaram muito satisfeitos.



A mentira



Autor(a): Estevão Gabriel
Região: Rio Solimões
RDS Mamirauá, Uarini - AM

Era uma vez dois colegas que mentiram para o professor falando que estavam doentes mas na verdade só queriam ir para um jogo de futebol. O jogo era em outra comunidade e eles tinham que sair à tarde para chegar às 7 horas da noite no local. Quando chegou a hora da viagem um dos seus colegas pegou o seu motor e botou na sua lancha. Saiu nela para pegar seu colega João na comunidade vizinha junto com outros colegas, todo mundo saiu para o jogo, rio acima. Na metade da viagem um dos dos amigos se distraiu conversando com seus colegas e de repente bateu a canoa em um monte de areia. O amigo que estava dirigindo bateu de joelho no banco da canoa e cortou o seu joelho. Ele precisou ir direto para Uarini e foi atendido no hospital, onde costuraram o seu ferimento. No fim das contas, todos perderam aula e também não conseguiram ir para o futebol.

A mulher que enganou o boto

Autor(a): Ingrid Naiany Cruz Dias
Região: Rio Culeiras, APA
Rio Negro, Manaus - AM

Há algum tempo atrás, em uma comunidade Ribeirinha no alto Rio Solimões, uma menina chamada Paola, como de costume, foi lavar suas roupas no rio. O rio parecia muito calmo e, sem querer, Paola esqueceu uma de suas roupas em cima da tábua de lavar roupa. No dia 20 haverá uma grande festa de tradição na sua comunidade onde muitas pessoas iriam comparecer.

Paola estava muito animada para ir nessa festa. Chegando lá, a primeira pessoa que ela viu foi um lindo moço de chapéu, vestido completamente de branco. Ele então caminhou em sua direção e chamou ela para dançar. Dançaram muito. Quando deu meia-noite, o homem foi embora sem dizer nada. Paola estranhou tudo que estava acontecendo e foi perguntar de algumas pessoas se tinham visto um moço muito bonito por aí, mas ninguém tinha visto. Contou tudo para sua tia e ela começou a pensar que aquele homem poderia ser um boto e que queria levar sua sobrinha para ser sua esposa no fundo do Rio. Dona Maria, como já conhecia essas coisas, resolveu tirar essa história a limpo. No dia seguinte, bem cedo, esperou o homem na casa de Paola, aí não demorou muito e lá estava ele. Perguntou pela menina e a sua tia levou onde ela estava: em um cemitério, morta. O boto ficou tão desesperado e disse não votar ali nunca mais. Se jogou no Rio e sumiu. Paola estava em sua casa escondida até que ele fosse embora.

A origem do Rio Mariepaua

Autor(a): Doriney Batista Correia
Região: Rio Mariepaua, RDS Juma,
Novo Aripuanã - AM

Certo dia, em um tempo não tão distante, um casal de indígenas saiu em busca de um lugar melhor para morar. Entraram num rio largo e de água barrenta e por lá percorreram durante muito tempo. Depois de ver a quantidade de madeira na água decidiram dar o nome para esse rio de Rio Madeira. Mas sentiram que ainda não tinha achado a lugar certo e continuaram a procurar um afluente do Rio Madeira. Entraram então em um rio estreito e de água bem escura e começaram a perceber que ali seria um bom lugar para se viver. Começaram a andar por aquele rio e cada vez mais se apaixonando pelas belezas daquele lugar. Durante muito tempo andando pela aquele rio tomaram uma decisão que com certeza ali seria um bom lugar para se viver. O tempo passou e eles logo tiveram um filho chamado Mariepaua. O menino tinha pele escura e gostava de cuidar da natureza, mas quando ele tinha apenas 7 anos, ele morreu e os seus pais decidiram jogar o corpo do menino nas profundezas do rio. Daí ficou o nome do rio Mariepaua e dizem que o menino virou o protetor do Rio e castiga quem quer fazer mal a ele.

A Vida de Rodolfo

Elinelsson Silva de Moraes
Região: Rio Cuieiras, APA
Rio Negro, Manaus - AM

Era mais uma manhã comum de segunda-feira para a funcionária chamada Vânia que trabalha na escola Kanata T-Ykua, como merendeira. Às 8 horas da manhã, a água da torneira acabou e a Vânia foi obrigada a lavar as vasilhas na beira do rio. Ela estava lavando as louças, quando de repente apareceu um jacaré muito pequeno com mais ou menos uns 11 centímetros de tamanho. O jacaré estava a uns 10 m de distância longe da Vânia, ela viu nos olhos do jacaré que ele estava com muita fome. Vendo aquilo ficou com pena e começou a jogar couro de frango para o pequeno jacaré. No outro dia o jacaré apareceu novamente, só que mais perto da beira e Vânia lhe deu comida de novo. Nesse segundo encontro a Vânia deu o nome ao jacaré de Rodolfo. Depois disso, com o passar do tempo, bastava chamar Rodolfo na beira do rio, que o jacaré aparecia. O tempo foi passando ainda mais e o jacaré foi crescendo e ganhando corpo. Um ano depois o jacaré Rodolfo reapareceu. Só que não estava sozinho, desta vez ele estava com mais três pequenos jacarezinhos. A Vânia ficou impressionada e pensou tendo a certeza que o Rodolfo, na verdade, era Rodolfa, porém até hoje ela é conhecida como Rodolfo. Hoje em dia tem um local próprio da Rodolfa e recebe muitos turistas.





Autor(a): não identificado(a)
Região: Rio Solimões
RDS Mimirauá, Uarini-AM

Arraia

Teve uma vez que eu e meu irmão fomos para a beira com a minha mãe, ela foi lavar roupa e eu e meu irmão fomos pular na água. Estava tudo muito divertido.

A gente estava brincando de manhã, era manja pega, quando o meu irmão saiu para uma beira e começou a gritar. Eu perguntei o que havia acontecido e ele respondeu que tinha levado uma ferrada de alguma coisa. Aí nós fomos embora com o meu irmão no colo da minha mãe. Chegamos em casa. Todo mundo desesperado. Falamos para o meu pai o que tinha acontecido, enquanto a minha mãe aquecia um pouco de água quente e trazia no pano para botar contra o joelho do meu irmão. Ficou fazendo isso até passar a dor dele. Logo meu irmão estava correndo como se nada tivesse acontecido.

Bacaba

Autor(a): Paulo César dos Anjos
Região: Rio Negro, RDS Rio Negro,
Iranduba - AM

Algum tempo atrás a minha mãe estava grávida de mim. Ela e meu irmão mais velho foram apanhar Bacaba. Dentro do mato, de repente, ela escutou um assobio bem forte e ela perguntou quem era. O assobio se aproximava cada vez mais e ela perguntou de novo quem era. No último assobio. Ela viu a Curupira vindo para cima dela, ela então falou para o filho correr e eles saíram correndo no meio do caminho, até que ela tropeçou e saiu rebolando na ribanceira. Ela estava com seis meses de gravidez. Depois dessa Curupira, ela ficou com tanto medo que nunca mais voltou para apanhar Bacaba no meio do mato.



Calor com mizura

Autor(a):não identificado(a)
Região:Rio Solimões, RDS
Mamirauá, Uarini - AM

Era mais uma manhã comum de segunda-feira para a funcionária chamada Vânia que trabalha na escola Kanata T-Ykua, como merendeira. Às 8 horas da manhã, a água da torneira acabou e a Vânia foi obrigada a lavar as vasilhas na beira do rio. Ela estava lavando as louças, quando de repente apareceu um jacaré muito pequeno com mais ou menos uns 11 centímetros de tamanho. O jacaré estava a uns 10 m de distância longe da Vânia, ela viu nos olhos do jacaré que ele estava com muita fome. Vendo aquilo ficou com pena e começou a jogar couro de frango para o pequeno jacaré. No outro dia o jacaré apareceu novamente, só que mais perto da beira e Vânia lhe deu comida de novo. Nesse segundo encontro a Vânia deu o nome ao jacaré de Rodolfo. Depois disso, com o passar do tempo, bastava chamar Rodolfo na beira do rio, que o jacaré aparecia. O tempo foi passando ainda mais e o jacaré foi crescendo e ganhando corpo. Um ano depois o jacaré Rodolfo reapareceu. Só que não estava sozinho, desta vez ele estava com mais três pequenos jacarezinhos. A Vânia ficou impressionada e pensou tendo a certeza que o Rodolfo, na verdade, era Rodolfa, porém até hoje ela é conhecida como Rodolfo. Hoje em dia tem um local próprio da Rodolfa e recebe muitos turistas.

Carreira de cobra

Autor(a): Aldriene da Silva Rodrigues
Região: Rio Solimões
RDS Mamirauá, Uarini - AM

Um dia um homem daqui da comunidade precisava ir até o município de Uarini para comprar frutas e verduras para véspera do Natal. Era 5 horas da tarde quando ele chegou em frente à comunidade da caridade. Ele olhou no rio e viu algo estranho. Ele pensava que era um grande plástico branco boiado, mas na verdade era uma cobra. Ele viu que a canoa estava muito perto da cobra e a cobra virou a canoa. Ele caiu na água, mas nadando bem rápido, chegou na beira do rio. Ele respirou e continuou correndo, mas a cobra que tinha mais de 70 metros, correu atrás dele também. Até que ele conseguiu chegar em outra comunidade e conseguiu pedir ajuda aos comunitários, que pegaram suas armas e sair atirando na direção da cobra. Ela foi embora e mergulhou no Rio. O homem conseguiu depois chegar para aproveitar o seu Natal na comunidade do Punã.

Cavalo sem cabeça

Autor(a): Paulo César dos Anjos
Região: Rio Negro, RDS Rio Negro, Iranduba - AM

Certa noite meu vizinho saiu para fazer xixi, quando escutou um barulho de andadas ao lado de sua casa. Ela foi até lá e viu aquilo brilhar. Voltou com tudo para dentro de sua casa para buscar sua lanterna, mas quando voltou não tinha mais nada lá. Então voltou para dentro de sua casa e foi dormir em sua rede.

Já de manhã, contou para sua esposa que na noite anterior tinha escutado tipo uns andados de cavalo. Sua mulher ficou espantada mas depois esqueceram daquilo. Passou um tempo, este homem ouviu uma menina da comunidade contando que tinha visto um cavalo sem cabeça pegando fogo pulando a cerca de um senhor, e que ao pular a cerca, ele se feriu na perna. A casa desse senhor vendia pão. Um dia essa menina e sua amiga foram comprar pão neste senhor e uma delas viu a sua perna ralada. Então a menina comentou com sua colega que tinha visto o cavalo pulando pra cá. E aí começaram a desconfiar deste senhor, pensando que ele era o cavalo. Hoje ninguém sabe de nada. Não sabem se o cavalo era o senhor ou se era uma visagem.



Cobra boa

Autor(a): Fábio Barroso
Região: Rio Solimões, RDS
Mamirauá, Uarini - AM

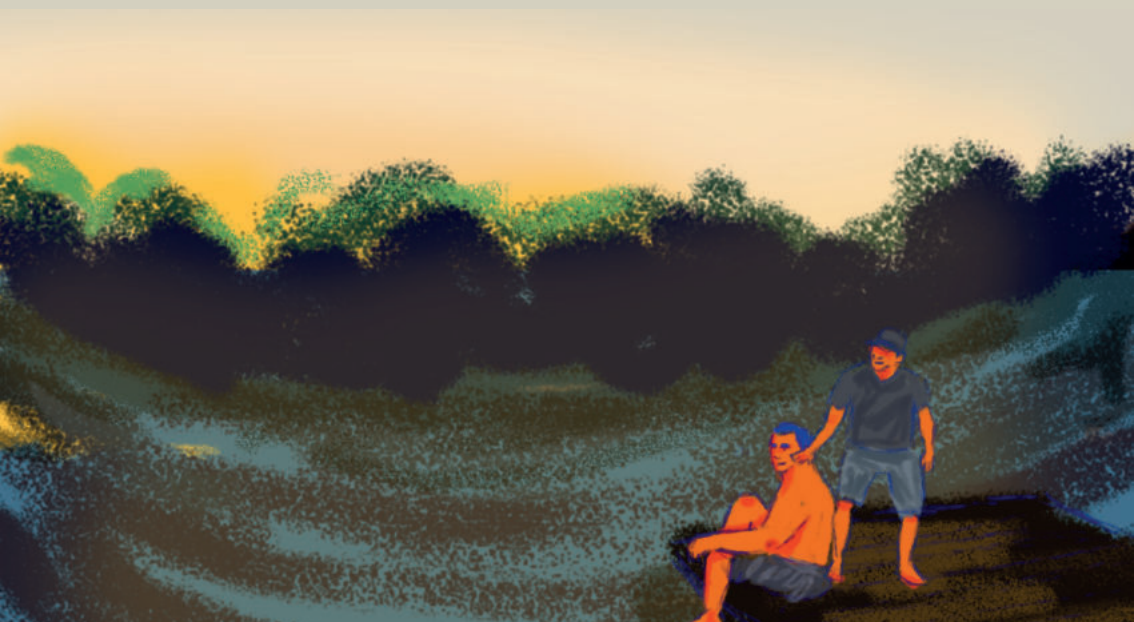
Vou contar uma história de cobra grande um pouco diferente. Era uma vez meu avô contava uma história de que ele foi pescar. Quando chegou no meio do rio, apareceu uma bolha de água e deu um grande banzeiro, que estava quase alagando a canoa dele. Do nada, a canoa dele foi levantando para cima. Quando ele olhou, viu uma grande cobra debaixo da canoa. Ela o levou para beira da terra e depois foi embora.

Comida de jacaré

Autor(a): Fábio Barroso
Região: Rio Solimões, RDS
Mamirauá, Uarini - AM



Eu e meus amigos saímos para pescar. Chegando lá no Igapó, o meu amigo começou a balançar a canoa. Até que a canoa alagou e fomos para o fundo da água. Nesse igapó tinha um jacaré e o nome dele é Rodolfo. Meu outro amigo nadou mais rápido que nós e eu fiquei para trás. Quando eu olhei, o Rodolfo estava atrás de nós e nós estávamos com muito medo. Nadamos o mais rápido que podemos. Quando eu vi, meus dois meus amigos já estavam na balsa, em segurança, mas eu ainda estava na água, lagrimando porque estava muito longe para chegar. Eu achei que ia morrer e estava desesperada. Um dos meus amigos disse bem alto: "Não se preocupa! Só nada". Aí eu fiquei um pouco mais calma e comecei a nadar de forma mais firme, e nadei muito, até que cheguei na balsa e dei um tchauzinho para o jacaré. Nós sorrimos e a gente disse: "Não é hoje que vamos virar a tua comida, seu jacaré".




38

Curumim

Autor(a): Fábio Barroso
Região: Rio Solimões, RDS
Mamirauá, Uarini - AM



The page features decorative floral and leaf patterns in the corners. The top-left and bottom-right corners have a red background with white and yellow floral motifs and green leaves. The bottom-left corner has a green background with white and yellow floral motifs and green leaves. The central text is set against a dark teal background.

Em 1974 o meu tio chamado Edvaldo tinha 12 anos de idade quando foi pescar de zagaia. Antes de sair, disse para sua mãe que estava indo pescar e a mãe dele respondeu dizendo que tudo bem, só não era para ele voltar tarde. Então meu tio saiu, pegou o caniço e as iscas e foi pescar. Era acostumado a ir naquele local. Encostou a canoa e subiu em cima das galhadas e ficou intertido. Dando como poucos minutos, ele olhou para o lado e viu um menino. Era um curumim que ele nunca tinha visto ali, estava só naquele lugar. Ele tomou um susto. Esse curumim estava em pé próximo de uma árvore, fmando um tabaco com o beicho pintado. Estava olhando para meu tio, que botou o caniço na canoa e embarcou nela rumo à sua casa. Chegando lá, ele contou para sua mãe o que tinha visto. A mãe do meu tio Edvaldo ficou muito preocupada e disse para ele nunca mais voltar ali e foi o que ele fez.

Curupira

Autor(a): Estevão Gabriel
Região: Rio Solimões
RDS Mamirauá, Uarini - AM

Minha mãe chamou eu e minha irmã e disse para irmos pegar feijão para ela. Pedi para encher um saco. Aí nós pegamos os sacos, botamos na cabeça e fomos embora lá para o meio da Mata. Eu estava cortando o galho baixinho e quando eu levantei à vista vi como daqui ali o Curupira. Eu vi ele pelado branco igual a de um macaco mesmo, mas só que grande assim. Aí ele olhou e eu gritei chamando minha irmã. Nós saímos correndo e varamos na comunidade. Eu contei para o meu tio e ele foi lá onde estávamos olhar, mas só que a Curupira já tinha ido embora. Aí só tinha o rastro onde ela pisou. Ele disse que nunca tinha visto nada igual.

Dia de pescaria

Autor(a): Wesley de Oliveira
Região: Rio Marlepaua,
RDS Juma, Novo Aripuanã - AM

Numa tarde de sexta-feira no mês de outubro meu pai Tomé me chamou para ir pescar no igapó. Fomos na canoa pequena. No caminho por onde passamos tinha várias aves e macacos pulando de árvore e árvore. Chegamos no canto certo onde tinham muitos peixes e ele falou: ""Nara, hoje vamos levar muito jju". Respondi: "É mesmo pai!". E começamos a pescar os peixes que estavam ali. De repente, escutamos um barulho tão forte na beira da terra. Meu pai falou: "Filha, fica quieta aqui que eu vou lá". Então ele foi ver o que era. E eu fiquei pescando. Quando ele chegou tinham muitos peixes na canoa. Ele falou: "Você pegou muitos peixes mesmo, heim!". Sorri e perguntei o que era aquela zoada. Ele respondeu que era um bando de guaribas que estavam cantando. Nós então voltamos para casa muitos felizes e contentes. Chegando lá minha mãe tratou os peixes e fez uma caldeirada com cebola de palha, cheiro verde e pimenta de cheiro. Depois ela botou a panela de caldeirada no chão, com os pratos, colheres e farinha. Sentamos, eu, meu pai, mamãe, a vovó e o vovô. Minha mãe colocou uma pedaço de peixe com muito caldo pra mim. Minha vó farofava um pacu pra mim e jogava muito caldo por cima. Todos comiam e contavam histórias. De repente, a minha mãe olhou e eu estava dormindo na beira do prato de comida. Minha cara estava cheia de caldo com farinha e meu pai me levou para eu me lavar e depois me botou na cama pra eu dormir..



Autor(a): Henrique Praia
Região: Rio Solimões,
RDS Mamirauá, Uarini - AM

Meu avô e minha avó morava no sítio mais distante da comunidade. Era um lugar muito bonito isolado e cheio de coisas legais para fazer. Teve uma noite que apareceu um cachorro que eles nunca tinham visto ali. Era um cachorro branco e ficava andando de um lado para o outro. Esse cachorro apareceu por noites seguidas e ninguém aparecia como dono dele. Quando amanheceu a minha avó foi soltar os animais e quando chegou lá, estavam faltando dois animais. Ela gritou para o meu avô para ir rápido e disse que provavelmente algum bicho tinha pego os seus bichos.

Grande Luz

À tarde apareceu de novo o grande cachorro branco e meu avô disse que ia matar esse bicho, então ele ficou acordado até que uma hora, quando ele olhou, ele viu uma grande luz que vem veio na sua direção. Quando a luz chegou perto dele, ela desapareceu. Meu avô focou com a lanterna, mas não viu mais nada, meu avô então pegou a sua espingarda. E lá vinha a grande luz de novo para o lado onde ele estava. Ele engatilhou a espingarda e ficou esperando até que a luz chegou perto dele a um metro de altura sem tocar chão. Meu avô ficou com tanto medo que atirou mas ele não sabe o que aconteceu, pois as balas caíram no chão perto dos pés dele e ele não conseguia gritar. A grande luz falou para ele que se não fosse embora daquele lugar, alguém de lá iria morrer ao amanhecer. Pouco antes do amanhecer, o meu avô foi embora junto de minha avó para comunidade e até hoje os moradores veem essa grande luz, mas não sabem o que é.

História de José Garrido Filho

José Garrido filho nasceu em 23 de dezembro de 1929 no Igarapé do Cuieiras, margem esquerda do Rio Negro. Filho de pai português e mãe indígena. Ficou órfão dos pais aos 11 anos de idade. Após a morte de seu pai, foi morar com o seu padrinho Francisco Reis em Manaus, com qual aprendeu muitas coisas, inclusive a vender picolé, peixe farinha e cortar madeira a metro para vender de comércio. Qual a idade de 11 anos, o senhor José Garrido já tinha sua própria condução, que era uma canoa feita de madeira, com a qual levava seus produtos para vender em Manaus. e se perpetua até hoje. Aos 18 anos de idade, prestou o serviço militar, mas tempo depois deu baixa no exército por ser filho único e não poder engajar nessa empreitada. Tempo depois conheceu um senhor chamado Josias dias de Araújo com quem aprendeu Carpintaria naval.

Autor(a): Henrique Praia
Região: Rio Solimões,
RDS Mamirauá, Uarini - AM

Dando um novo início de vida para o seu profissionalismo e também se casou. Construiu famílias e deu origem aos filhos. Veio morar neste lugar chamado Tumbira, onde comprou um Estaleiro naval do senhor Josias e deu prosseguimento ao trabalho, que tanto almejava na construção naval, dando emprego a muitas pessoas. Como ele fez diversos barcos de madeira de lei, aprendeu a preservar a floresta e as espécies de vegetação para que futuramente todos pudessem retirar da terra o seu próprio sustento. Durante muitos anos ele permaneceu neste trabalho, mas logo teve que abandonar a profissão de vida também a sua idade que não competia com o trabalho arduo da construção naval. José Garrido teve que parar com seu ofício. Atualmente ele se encontra os 89 anos de idade. Idoso e cansado mas permanece encorajando as pessoas para que tenham um futuro brilhante, pois ainda acredita que a vida no campo é a melhor maneira que se tem para viver, já que ele aprendeu isto em sua labuta. Tantas lições de vida que conta até hoje para os seus vizinhos e netos. Foi um homem de muita fé em Deus sempre esteve na sua frente assim como em primeiro lugar. Acreditou que aqui um dia seriam local de turismo e por isso se esforçou em fazer parcerias com a comunidade: construíram igrejas, casas e até mesmo uma pousada familiar para abrigar pessoas que queiram visitar este local.

História de pescador

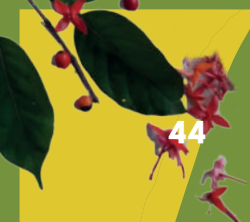
44

Autor(a): Alessandro Praia Rodrigues
Região: Rio Solimões, RDS Mamirauá,
Uarini - AM

Era uma vez um senhor que se chamava Lucas. Ele era um grande pescador. Um belo sábado às 5 horas da manhã, ele resolveu ir pescar. Ajeitou o seu material de pesca na canoa, ligou o motor e foi sentido do lago. Durou uma hora de viagem até chegar lá. Procurou o lugar para atar a sua malhadeira, atou e ela começou a mexer. Era sinal que havia peixe na malhadeira. Seu Lucas logo começou a retirar os peixes e haviam muitas piranhas e tucunarés. Ele já estava satisfeito com o que tinha pegado e resolveu parar de pescar. Recolheu a sua madeira e foi embora para sua casa. Vendeu a maior parte dos peixes para os comunitários e tratou alguns, passando no sal para durar.

No dia seguinte pegou o peixe que estava na geladeira e fritou. Fez farofa e levou para mais uma pesca. Em suas mãos ia o arpão e sua malhadeira.

Seu Lucas estava suado e as horas se passando. Ele estava com muita raiva, tanta que parou de puxar o motor e falou consigo mesmo: "Logo hoje, você não quer pegar motor". Seu Lucas então se sentou no banco e ficou distraído. Quando, de repente, um jacaré começou bater muito forte na sua canoa. Seu Lucas começou a gritar: "Socorro!" e, pedindo ajuda, em total desespero, o jacaré acertou uma rabada em sua cabeça e ele quase caiu atordoado na água. O jacaré não parava de sacudir a canoa. Seu Lucas então pegou o seu arpão e lançou na costela do jacaré e foi embora.



Jararaca-do-rabo-branco

Autor(a): Ramilson Dias da Silva
Região: Rio Cuéiras, APA Rio Negro,
Manaus - AM



Há um tempo eu e meus colegas de classe saímos para uma pesquisa de campo entramos em uma ilha e o professor falou para todos nós tomarmos cuidado com os bichos da floresta. Principalmente com as cobras. Eu comecei a bagunçar e espantar os meus colegas. Já estávamos voltando e os meninos correram na trilha e eu os segui. De repente, eu senti uma dor como uma mordida de piranha no meu pé, olhei para trás, um bicho correu e perguntei ao professor o que era aquilo que tinha me picado. Ele respondeu que era uma cobra e eu perguntei se era venenosa. Ele disse que sim, que era Jararaca-do-rabo-branco. Ele falou para mim correr porque senão o veneno ia espalhar pelo meu corpo e eu não ia conseguir mais sair dali vivo. Então eu saí correndo no meio do mato, mas eu não consegui andar, minha vista escureceu e eu desmaiei. Acordei, eu estava na casa do meu avô, o tuchaua Waldemir Kambeba, na nossa aldeia. Eu comecei a vomitar muito. Meu pé inchou demais. Imediatamente meu padrinho pegou a lancha e me encaminhou para Manaus, chegamos lá a ambulância estava esperando. Fui para o hospital, tomei muitos remédios e fiquei melhor depois de cinco dias. Desde lá eu nunca mais fui para mata de sandália, apenas de bota.

An illustration of a traditional thatched-roof hut, likely a tapiri, situated in a lush green forest. The hut has a steep, conical roof made of dried palm fronds or similar natural materials. Inside the hut, several dark silhouettes of people are visible, suggesting an interior space. The surrounding environment is filled with dense green foliage and trees, creating a sense of being deep in the forest. The overall style is that of a hand-drawn illustration with a textured, slightly grainy appearance.

Lugar que não se caça

Autor(a): João Guilherme Garrido Sena
Região: Rio Negro, RDS Rio Negro,
Iranduba - AM

O meu avô Antônio contou que um certo dia, há algumas décadas, ele e seus colegas foram trabalhar na mata. Lá no meio da floresta, acamparam em seus tapiris e como eram muitos jovens, gostavam de ficar cantando e fazendo batucadas todas as noites, pois eram muito alegres. Meu avô pedia que eles não fizessem muitos barulhos, pois estavam no centro da Mata e não era bom fazer barulhos ali pois a floresta tem dono. Certa noite, meu avô cochilou e quando acordou havia grande invasão de formigas. Levantou e percebeu que todos os seus companheiros dormiam profundamente. Passando alguns minutos começou a ouvir alguns gritos muito distantes, porém muito estranhos, e se aproximavam dele. Cada vez mais de forma apavorante, os gritos chegavam ao acampamento. Um de seus amigos acordou e chamou os outros companheiros que, ao ouvirem os gritos, também saíram correndo e entraram na cabine do caminhão que utilizavam para adentrar à floresta. Como eram seis homens, não cabiam todos dentro da cabine e meu avô ficou sozinho do lado de fora, ouvindo os gritos que pareciam rodear o caminhão. O holofote do carro ligado talvez foi a salvação para que esse bicho não os pegassem. Devido ao clarão de luz, aos poucos o que parecia ser um animal, foi se afastando. Ele sumiu nos matos do Igarapé do 7. Após um momento de pânico, os homens saíram assombradas e descontrolado. Tremiam de medo e pavor. Na manhã seguinte, somente meu avô Antônio teve coragem de permanecer no serviço e no meio da floresta. Os outros decidiram ir embora e não queria mais trabalhar naquele local. E assim até hoje os grandes caçadores, quando adentram essa mesma mata, ouvem alguns gritos que não sabem dizer o que é provavelmente. Pode ser desse bicho que ninguém viu, só ouviu.

A dark, hairy creature with a single large eye and a wide, toothy mouth, set against a green, textured background. The creature's body is covered in dark, shaggy fur, and its mouth is open, revealing sharp teeth and a pink tongue. The background is a mix of green and blue, suggesting a forest or jungle setting. The overall style is that of a hand-drawn illustration or painting.

Mapinguari

Autor(a): José Eduardo Garrido
Região: Rio Negro, RDS Rio Negro,
Iranduba - AM

Era uma vez um caçador que foi caçar com seu cachorro um bando de queixadas. Foram para o mato e viram um vestígio de queixada. Saíram se rastejando com muita atenção, mas não encontraram nada. Foram para o trabalho de manejo florestal. No fim da tarde após terminar o trabalho, um homem falou sobre acampar na beira do rio. Todos os homens aceitaram pois também estavam muito cansados e poderiam aproveitar para caçar. Dois deles pegaram suas armas e a sua poronga e saíram na sua canoa foram remando até muito hoje no Igarapé. Primeiro vira uma cutia mas não conseguiram capturá-la. Depois viram um bicho correndo e era grande. Achavam que era uma anta. Desceram em terra. Depois de encostar a canoa na beira, foram correndo dentro do mato atrás daquele bicho. Correram muito, driblaram muitas árvores até ver um bicho muito grande de costas e foram se escondendo atrás das árvores, até que viram o bicho de frente. Era um animal gigante em forma de gente com um só olho na testa. Um dos homens saiu gritando e o outro saiu na sequência. Pegaram a sua rabeta e voltaram ao acampamento, ao chegarem lá, nenhum dos outros homens estavam no acampamento e o bicho tinha destruído todo o lugar.

Autor(a) : não identificado(a)
Região: Rio Solimões, RDS Mamirauá,
Uarini - AM

Meu avô

Todos os dias meu avô vai trabalhar no Castanhal, ele é um senhorzinho maravilhoso e mora numa pequena casa junto de seus cachorros. No seu dia a dia, ele trabalha em sua roça e ajunta castanhado Pará. Todos os dias agora ele faz farinha e é assim que ele fica às vezes: caça, pesca e planta de tudo. Desde que eu lembro do mundo, ele é essa pessoa meiga e brincalhona, sempre de bem com a vida e essa é história do meu avô. Algumas vezes, ele já se perdeu na mata, ele passou três dias perdido lá uma vez, aí o meu pai chama os seus irmãos e vão atrás dele. Nessas vezes que se perde ele precisa jogar as castanhas dele que deu tanto trabalho de coletar. Aí hoje eles chama eu e o meu irmão para ir ajudar a pegar as castanhas e também não se perder.



Meré-Meré

50

Autor(a): Derickes Santos
Região: Rio Maripaua,
RDS Juma, Novo Aripuanã - AM

Havia uma menina chamada Meré-Meré que tinha 7 anos e morava no Rio Amazonas. Essa menina tinha sua própria casa, a sua canoa e também um cachorrinho. A Meré-Meré gostava de andar na floresta para observar os animais e comer frutas. Ela também gostava muito de cantar, pois era uma menina muito alegre. Certo dia, ela foi dar uma volta de canoa e ao mesmo tempo pescar.

Ela entrou no igapó que tinha perto da sua comunidade e nesse igapó dava muito peixe. Ela pegou muito peixe, mas estava ficando tarde. Meré-Meré se empolgou demais com a pescaria, mas quando elas deu fé, já era noite, quase 7 horas da noite. Aí ela decidiu parar a pescaria e ir embora para sua casa. Mas ela ficou um pouco agoniada, pois já não sabia sair daí daquele igapó. Nesse igapó tinha uma cobra grande que fazia muita misura para quem entrava ali. A Meré-Meré, no meio da escuridão, começou a remar a canoa dela, mas a canoa não saía do lugar. A menina ficou com muito medo até que a cobra começou a rebujar perto da canoa. Ao mesmo tempo, Meré-Meré começou a ouvir o seu nome sendo chamado por uma voz desconhecida. A menina perguntava: "Quem está aí, quem está aí?". Mas ninguém respondia. Meré-Meré começou a chorar e a cobra começou a enrolar seu corpo na canoa da menina que gritava pedindo socorro, mas ninguém respondia. Ela estava desesperada e caiu na água. Tudo o que ela tinha ela perdeu pois a canoa alagou e ela estava mesmo era preocupada em nadar e chega logo na beira. A cobra começou a ir atrás de Meré-Meré. Gritava o nome da menina. Meré-Meré conseguiu chegar em terra, mas ainda assim a cobra-grande a perseguia gritando seu nome a menina correu tanto que caiu em um buraco e ali ficou parada quieta. Vendo a hora passando, a cobra foi embora. Quando foi de manhã, umas 8 horas, Meré-Meré conseguiu sair do buraco e foi caminhando pela floresta até a sua casa. A menina estava triste porque perdeu tudo o que tinha para comer e sabia que para que lugar ela não voltaria mais.



Minha mãe

Em 1994 a minha mãe trabalhava no centro da mata, tirando madeiras. Ela pegou uma febre tão medonha, que ficou mal 12 dias. Não levantava pra nada. Nessa época ela estava grávida do meu tio e era praticamente sozinha. Já não aguentando toda aquela dor, ela pegou uma rabetá e seguiu rio acima até a cidade de Novo Airão. Chegou lá e fez exames e o resultado deles deu Malária. Ela passou alguns dias direto tomando remédios. Então ela pegou o rio de novo e voltou sozinha de rabetá pra casa. Estava um pouco melhor de saúde. Ela então chegou em casa umas meia-noite, subiu em terra e foi se deitar na rede para dormir. Então veio uma pequena dor e ela gritou pelas vizinhas. Era o neném nascendo. Ele nasceu com dois quilos e sessenta gramas no dia 25 de setembro de 1994, e nome dele é Alan. Hoje ele é homem formado e tem um lindo filho que chama Arthur e esta é minha história.

Autor(a): Ana Lize Chaves da Silva
Região: Rio Negro, RDS Rio Negro,
Tranduba - AM



Minha vizinha

Autor(a): não identificado(a)
Região: Rio Solimões, RDS
Mamirauá, Uarini - AM

A história que vou contar é da minha vizinha Marinelsa. Nessa época ela tinha nove anos de idade. Teve um dia que ela não tinha nada para comer e só era ela e a sua avó que moravam na casa delas. Então, elas passavam muita necessidade. Quando o rio estava cheio, Marinelsa saiu para pescar só que pegou apenas peixes muito pequenos e ainda estava chovendo muito forte e não tinha como fazer fogo, porque ele teria que ser feito no terreiro. Marinelsa decidiu assar os peixes na lamparina. Toda vez que estou com preguiça de fazer algo a minha mãe ama lembrar dessa história.

Mizura do luar

Autor(a): Taila Vagen de Souza
Região: Rio Cuieiras, APA Rio Negro, Manaus - AM

Um dia meu avô e alguns amigos foram pescar. Ao chegar no lugar que eles iam pescar montaram o acampamento e à noite, o meu avô foi pescar sozinho. Já estava muito escuro e a Lua estava muito cheia. Disseram a ele que em noite de lua cheia, não é bom sair sozinho, mas ele foi assim mesmo. Ele ia remando pela beira do rio, foi quando ele ouviu um assobio e também o som de uma música que estava famosa naquele tempo. Então ele olhou para trás e viu um homem flutuando de braços abertos. Meu avô começou a remar desesperado o mais rápido possível e o homem seguindo ele e sua canoa. Meu avô saiu remando, remando e remando, quando deu fé, olhou para trás o homem tinha desaparecido. Até hoje diz para a gente não ir pescar ou caçar em luar.



Mizura da praia

Já de manhã, contou para sua esposa que na noite anterior tinha escutado tipo uns andados de cavalo. Sua mulher ficou espantada mas depois esqueceram daquilo. Passou um tempo, este homem ouviu uma menina da comunidade contando que tinha visto um cavalo sem cabeça pegando fogo pulando a cerca de um senhor, e que ao pular a cerca, ele se feriu na perna. A casa desse senhor vendia pão. Um dia essa menina e sua amiga foram comprar pão neste senhor e uma delas viu a sua perna ralada. Então a menina comentou com sua colega que tinha visto o cavalo pulando pra cá. E aí começaram a desconfiar deste senhor, pensando que ele era o cavalo. Hoje ninguém sabe de nada. Não sabem se o cavalo era o senhor ou se era uma visagem.

Autor(a): Taila Vagen de Souza
Região: Rio Cuieiras, APA Rio Negro, Manaus - AM



A stylized illustration of a house with a woman in a doorway and a man in a window. The house is rendered in shades of grey and blue, with a woman in a blue dress standing in a doorway on the left and a man in an orange shirt looking out from a window on the right. The background is a mix of purple and green, with some foliage visible in the corners.

55

Nova esperança

Autor(a): Antonio Zacarias Colares de Albuquerque
Região: Rio Mariepaua,
RDS Juma, Novo Aripuanã - AM

Era uma vez um homem e sua esposa que estavam passando muita fome na cidade. O homem trabalhava quase como escravo. Já faziam três meses que ele não recebia nada de seu patrão. Chegando em casa, todo dia, não tinha nem um café nem chá para se alimentar. Então ele tomou a decisão de ir embora. De repente chegou uma luz que era o patrão dele, que decidiu pagar o homem com a quantia de dois mil reais. A esposa ficou animada e o pensamento dele era ir embora dali da cidade e comprar um terreno no interior. Dias depois, ele andando no seu bairro, viu uma plaquinha de venda de um terreno no interior. Ele comprou e foi embora da cidade. Ficou muito feliz ao chegar em sua terra nova. Deu o nome Nova Esperança ao lugar, que hoje é a nossa comunidade, que significa um lugar, que desde então, nunca mais nos faltou alimentação.



O azar de Seu José

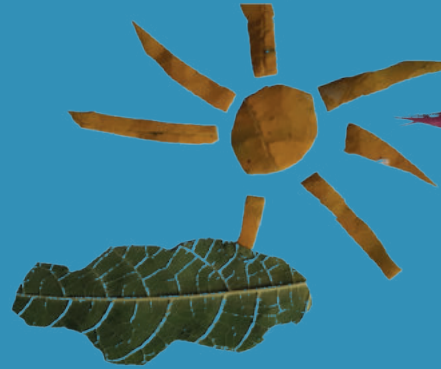
Era uma vez um homem chamado José. Em uma manhã ele saiu para ir até a roça e quando ele chegou na roça começou a chover. Então, seu José voltou para casa de farinha. Chegando lá, disse para Deus: "Deus faça com que essa chuva para o senhor. Preciso capinar minha roça". E se passaram algumas horas e a chuva parou e quando ele estava voltando para a roça se deparou com uma coisa no meio do caminho, mas não sabia o que era com muito medo foi embora para sua casa. Chegando lá, falou para sua esposa:

"Eu vi uma coisa muito estranha no caminho da roça. Com medo, eu voltei para casa". E ela lhe perguntou: "E o que era essa coisa?". Ele respondeu: " Não sei. Essa coisa apareceu do nada na minha frente, acho que se passaram 5 minutos e ela se desapareceu". Então a esposa disse marido: "Eu tenho certeza que o que você viu era uma mizura". A tarde foi se embora. Chegando à noite, Seu José saiu para pescar. Tinha que trazer janta para sua mulher e seus filhos. Se ajeitou, colocou sua perca e sua malhadeira em um saco e foi para sua pesca. Na canoa, Seu José se perguntou: "Será que pelo menos na pesca eu vou ter sorte?". Mas infelizmente ele não teve sorte nem na pesca. Chegando em casa sua mulher perguntou: "Marido cadê os peixes?". E ele respondeu: "Mulher, eu não peguei nada. Então ela disse para ele: "Nossa José hoje é realmente seu dia de azar, homem".

Autor(a): Wesley de Oliveira
Região: Rio Maripaua,
RDS Juma, Novo Aripuanã - AM

O Boto e o Pescador

Um certo dia um homem saiu bem cedinho para ir pescar e deixou sua esposa e seus filhos em casa, e foi. No meio do caminho, viu um boto boiando vindo em sua direção e ele pensou: "Eu vou arpuar esse boto". Quando o boto chegou perto do homem, ele arpuou o boto, que foi levando a canoa do homem para o meio do lago mas, de repente, o boto sacou do arpão, e o homem continuou seu caminho. Foi para a enseada do lago e ali botou a malhadeira. Pegou um monte de peixes. O homem então tirou a malhadeira e foi embora para sua casa. No caminho, de repente, avistou um monte de botos vindo em sua direção. Chegando até onde o homem estava, um dos botos perguntou: "Foi você que arpuou o boto que passou aqui mais cedo?". O homem respondeu: "Foi, por quê?". O boto respondeu: "Porque o boto que você arpuou era o chefe de nossa aldeia, e ele estava indo à cidade, para fazer compras para o mês. E ele ia passando no caminho dele, e não ia mexendo com ninguém. E ele agora está bem mal, e nós viemos te buscar para você ir cuidar dele".



Então os botos levaram o homem para debaixo d'água, e quando chegaram na aldeia submersa, o homem falou: "uau, que aldeia mais bela e bonita!". E continuou andando. Chegando ao boto, pediu desculpas, e começou a fazer remédio para curar o boto que feriu. Com o passar do tempo, o boto foi ficando bom e já fazia um mês que o homem estava vivendo na aldeia. O homem sentia muita fome, e queria comer a comida dos botos, mas o boto mais velho da aldeia disse: "Se você comer alguma coisa daqui você não poderá voltar nunca mais para a sua casa". Então o homem não comeu. E passou mais de um mês e o boto já tinha ficado bem. Os outros botos então levaram o homem à superfície do rio. Chegando à canoa, os peixes que o homem havia pescado, estavam todos vivos. Então o homem foi em direção à sua casa. Ao chegar, chamou por sua esposa, mas ninguém respondeu. A sua mulher e filhos já tinham ido embora daquele lugar, porque na verdade já tinham se passado seis anos que o homem tinha saído para pescar e não tinha voltado.

Autor(a): Alessandro Praia Rodrigues
Região: Rio Solimões, RDS Mamirauá,
Uarini - AM



Autor(a): Alessandro Praia Rodrigues
Região: Rio Solimões, RDS Mamirauá,
Uarini - AM

O buraco

Uma vez meu irmão foi caçar e ele achou um buraco no mato, ao voltar para casa. Foi até a cozinha e chamou a minha mãe disse a ela para ir junto ver aquele buraco e nos chamou também. Fomos para jogar água nele para tentar descobrir o que tinha ali dentro. Todos nós subimos na canoa e saímos da beira, rumo à Mata, para a trilha onde meu irmão tinha encontrado o buraco. Ao chegar lá, já era umas 3 horas da madrugada, daí cavamos e cavamos, então encontramos bicho. Não era uma paca como tínhamos pensado era um cachorro do mato e ele era tipo uma raposa.



O caçador

Autor(a): Derickes Santos
Região: Rio Mariépaua, RDS Juma,
Novo Aripuanã - AM

60

Era uma vez um pai de família que se chamava José. Ele tinha três filhos. Seu José não tinha trabalho fixo e às vezes ele ia caçar para dar de comer aos seus filhos. Numa segunda-feira, Seu José resolveu caçar. Pegou sua espingarda e seus dois cartuchos. Vestiu sua gandôla e saiu 7 horas da noite e foi caçar no meio da Mata. Lá dentro, ouvi alguns barulhos e pensava que era uma cutia e foi seguindo o barulho. Quando de repente ele toma a surpresa: era uma onça pintada! Seu José ficou todo arrepiado ao ver o tamanho daquela onça, e saiu de vagarosamente, se escondendo atrás de uma árvore enquanto a onça rugia. Seu José com medo; engatilhou a sua espingarda e pensou: "Se ela vier para cima de mim vou atirar. Antes ela do que eu". Seu José rogava lembrava que tinha três filhos para dar de comer e que não poderia morrer daquele jeito. De repente, Seu José atira para cima e a onça sai correndo assustada. Seu José pensou essa noite não é para mim no caminho ouviu novamente um barulho pensou: "Será que a onça de novo?". Seu José resolveu olhar bastante cauteloso e foi chegando perto e era uma cutia enorme. Seu José conseguiu capturá-la e amarrou em uma envira e a jogou em suas costas e foi contente para casa por ter o que oferecer de alimento à sua família.

O Cupuaçu e o Rio

Certa tarde, eu e minhas primas decidimos passear de canoa. Desamarramos a canoa e fomos navegar. Já so rio, vimos um sitio onde tinha muitos pés de Cupuaçu. Remamos muito rápido e finalmente chegamos neste sítio, encostamos a nossa canoa e amarramos no tóco de um pau. Então subimos no sitio e fomos diretamente embaixo das fruteiras, mas não encontramos nada. Ficamos muito triste, porém minha prima encontrou dois cupuaçus no chão e ficou muito contentes. Finalmente chegou a hora de voltarmos para nossa casa, pegamos os dois cupuaçu e descemos na direção da nossa canoa, a desamarramos e empurramos na direção do rio. Pegamos o nosso remo e começamos a remar. Chegamos no meio do rio, paramos a canoa e ficamos sobre um banheiro que nos balançava. Paramos para comer os cupuaçus. Então comemos um cupuaçu.

Após terminar de comer um cupuaçu, uma das minhas primas quebrou o segundo bem no meio. O que aconteceu foi que o cupuaçu caiu na água eu fiquei tão triste, mas ao mesmo tempo eu reagi e consegui pular na água e pegar de volta o cupuaçu que estava afundando. Fiquei muito feliz em resgatar um cupuaçu e comecei a comer. A minha prima que tinha perdido a fruta tava querendo comer louco comigo, como eu não era tão mal, dividi o cupuaçu com ela e finalmente retornamos de volta às nossas casas.

Autor(a): Estelane de Oliveira Paulino
Região: Rio Culeiras, APA Rio Negro, Manaus - AM

O furo

Uma vez nós viajamos daqui da comunidade até a cidade de Tefé. Na volta para nossa comunidade o nosso barco vinha lotado de gente. Praticamente toda minha família e muitos vizinhos estavam nesse mesmo barco. Como o rio estava cheio, dava para passar pelo furo e chegar mais rápido atalhando o caminho. Dentro desse furo, já quase chegando no Rio, passou uma lancha muito rápida. Junto dessa lancha veio um banzeiro muito forte, aí meu pai atravessou para tentar atalhar a onda, mas a canoa que estava engatada no nosso barco foi para o fundo. Foi nesse momento que a proa da canoa bateu no nosso barco e fez um furo nele. Ao bater, a porrada atingiu a o local onde meu pai estava. Quase a canoa pega no meu pai. Ainda bem que ele não foi atingido. Após a lancha passar, o banzeiro foi ficando mais fraco e meu pai conseguiu desalagar a canoa, então pudemos seguir a viagem, mas com a parede do barco quebrada. Sempre que passo nesse furo na época da cheia lembro dessa história e agradeço por estar viva.



Autor(a): Melina
Região: Rio Mecejana, RDS Amanã,
Maraã - AM



O grande jacaré

Autor(a): Clinton Jesus G. Batista
Região: Rio Cuieiras, APA Rio Negro,
Manaus - AM

Um certo dia, tudo acontecia normalmente. Eu acordei, tomei meu café e vi que meu pai e meus irmãos tinham caçado um tatu. Às 9 horas da manhã meu pai foi entregar a espingarda ao nosso vizinho, então ele foi junto com meus irmãos remando e nós ficamos lá em casa para esperar a volta deles, pois íamos assar a carne da caça. Nós ficamos jogando dominó. Bem umas 10 horas da manhã, estava bastante ensolarado e minha irmã foi banhar com meu sobrinho. De repente a minha irmã volta correndo da beira, falando que tinha visto um jacaré. Então eu e meus dois irmãos fomos correndo para beira e vimos uma coisa bem grande e preta no meio do Igarapé. Meus irmãos foram pra cima dele com um machado, mas chegando perto do jacaré, viram que ele era muito maior do que eles pensavam. Então meu pai voltou rápido lá na casa do meu vizinho para buscar a espingarda, só que ao voltar para onde nós estávamos olhando o bicho, não o acharam mais. Dias depois ouvimos que haviam matado um grande jacaré na região.



O homem e o tucano



Autor(a): Elias _____
Região: Rio -----, RDS ----, -----
AM

Um certo dia, um homem foi caçar com seus grandes cachorros. Quando ele chegou numa enorme baixa, ele avistou um tucano. O bicho bebia água na beira da terra e os cachorros correram muito atrás do tucano. Logo, o homem também saiu correndo atrás dos cachorros. Um homem correu tanto que lhe deu uma grande fome. O homem então voltou para sua casa. Já os cachorros seguiram perseguindo o tucano. O homem dormiu muito, até que se lembrou dos seus cachorros. No outro dia, ao acordar, ele foi atrás dos cachorros, quando ele chegou avistou os cachorros que ainda estavam lá no mato, correndo loucos. Os cachorros rodeavam uma árvore enquanto o tucano estava em um galho lá de cima atirando pedaços de paus nos cachorros. De repente, o tucano vem na direção do homem e lhe dá uma bicada na cara. É quando o homem pega a sua espingarda para atirar mas não tinha o cartucho. Nessa mesma hora que ele montou a espingarda e jogou o cano para ver se ele acertava. O tucano caiu no chão e os cachorros começaram a correr, até que mataram o tucano. Na mesma hora, uma voz lá de cima de um outro tucano disse: "Você matou o meu amigo". O homem ficou morrendo de medo do tucano, porque ele nunca tinha visto um tucano falante. O tucano respondeu: "Eu vou fazer com você, a mesma coisa que você fez com meu amigo". O tucano então botou o homem para correr. Chegando na sua casa, a esposa do homem perguntou o que ele havia caçado para eles comerem. Ele disse que tinha caçado um tucano. Ela perguntou onde ele estava. O homem apontou para o saco. Ao abrir o saco onde estava o tucano, ele viu que não havia nenhuma ave lá dentro, mas sim um pedaço de pau em forma de tucano.

O homem que morava sozinho



Autor(a): Paulo César dos Anjos
Região: Rio Negro, RDS Rio Negro,
Irlanduba - AM

Era uma vez um homem que gostava muito de caçar. Este homem era chamado de Calango e morava sozinho em seu tapiri. Num certo dia ele foi caçar e, logo em seguida, ouviu um grito muito estranho, um som que nunca tinha ouvido, ele pensou: "Que grito é esse? Nunca vi esse tipo de grito. Alguma coisa é". E depois seguiu seu caminho. Ele estava atrás de algo para comer porque não havia comida em sua casa. Chegando perto de um igarapé, de novo aquele foi grito, só que agora mais próximo dele. Daí ele se escondeu atrás de uma árvore, mas não conseguiu olhar o que era. Depois lá na frente matou uma cutia e veio embora para seu tapiri. Ele tratou a caça e fez um pedaço para comer. A noite, seu Calango foi descansar. Era noite muito estrelada, onde ele sonhou beijando uma mulher, daí ele acordou com uma ferrada de caba. A caba era a mulher que ele estava beijando. No amanhecer, os pássaros cantando como nunca e ele ainda deitado. Em seguida, levantou e fez o fogo. Ele preparou o seu café, tomou e logo foi trabalhar. Onde ele morava era um sítio que tinha muitas castanheiras. Todo dia ele limpava aquele lugar. No tempo que deu muita castanha, ele produzia seu produto para tirar sua renda. Para que não pudesse faltar nada, ele tinha sua rabeta e ia vender sua farinha e castanha na cidade. Assim era a vida dele: sozinho no meio do mato e cheio de sonhos e sons únicos desses lugares. O tempo passou e ele já estava idoso e não podia mais voltar para sua antiga casinha, aquele lugar onde ele gostava tanto de viver.

O Povo Baré

Havia um lugar chamado Aldeia dos Barés, onde morava somente o cacique e sua família, até que um dia foram os parentes do Cacique e de sua esposa e a comunidade foi aumentando e tornando-se uma aldeia. Determinado momento dessa história, a aldeia dos Barés passou a ser chamada de comunidade Terra Preta. Porque Terra Preta? Terra preta é uma terra que é bastante rica em materiais orgânicos e produz muitas frutas. Ela é muito fácil de cultivar plantas. Nós, o povo Baré, gostamos muito de plantações como roça de macaxeira, abacaxis, bananas e batatas como o cará. Atualmente o meu povo Baré vive da fartura da natureza como a pesca, o artesanato e a roça. O povo Baré também tem as suas próprias comidas típicas como o peixe no tucupí, o moqueado de peixe, a quinhampira de peixe, bejú, o mingau de farinha e o caribé. Nós barés praticamos nossos próprios rituais como dança, teatros e até mesmo cânticos. Por fim, somos indígenas e mantemos as nossas culturas. Essa é a história do nosso povo Baré que vive até hoje. Os nossos costumes nunca mudam e sempre seremos o primeiro, o último, o princípio e o fim.

Autor(a): Taíla Vagen de Souza
Região: Rio Cuieiras, APA Rio Negro,
Manaus - AM

69

O que o rio leva, nem sempre devolve

Autor(a): Antonio Zacarias
Colares de Albuquerque
Região: Rio Maripaua, RDS
Juma, Novo Aripuanã - AM

Numa sexta-feira às 8 horas da manhã um rapaz chamado Israel sem o que fazer, resolveu ir pescar. Como ele não tinha o material de pesca, ele decidiu chamar o seu vizinho que tinha. E ele foi lá chamar o seu vizinho. Chegando lá cumprimentou o senhor João com forte abraço e sentiu um forte cheiro de bebida. Falou que tinha vindo lhe chamar senhor para irem pescar. O senhor respondeu: "Só se tu beber comigo". Como Israel estava muito entediado, aceitou o convite. Eles começaram a beber um pouco e logo em seguida desceram para a beira. Ajuntaram o material de pesca na canoa e ligaram o motor. Foram embora para o lago. Chegando lá, ataram suas malhadeiras e ficaram esperando e bebendo. As horas se passaram e nada de peixe na malhadeira. Os dois resolveram ir embora já que o rio não estava para peixe. Recolheram as malhadeiras e vieram embora para a comunidade. Chegando perto da beira, Israel teve a ideia de pescar no meio do rio e chamou o seu parceiro. Os dois desligaram o motor e começaram a pescar de linha e de caniço. Israel estava na proa da canoa. Perto das malhadeiras, ele já não estava falando coisa com coisa. Mal conseguia enfiar a isca no anzol e quando, de repente, ele passa mal e cai na água. Seu pé engatou na malhadeira que foi junto com ele para o fundo do rio.



Como o senhor era de uma certa idade já muito avançada pensou mergulhar atrás ele mas ficou com medo de morrer. Preocupado, ele resolveu ir para comunidade para pedir ajuda. Chegando lá, assustado, avistrou Lucas e perguntou se ele conhecia o Israel. Ele respondeu que sim e perguntou o porquê da pergunta, o senhor sem saber como lidar a notícia, respirou bem fundo e falou que o Israel tinha morrido afogado. Lucas entrou em desespero e perguntou se a mãe de Israel já sabia da notícia, ele falou que não e pediu para ele dar notícia à ela. Lucas foi e no meio do caminho ele ia pensando como ele ia dar notícia. Lucas estava tremendo e mal conseguia falar. Ele avistou a mãe de Israel no quintal da sua casa e foi se aproximando dela. Ele perguntou como ela estava e lhe deu um bom dia, mas a mulher percebeu que ele estava muito nervoso e perguntou o que ele tinha. Ele falou que não era nada não e a mulher ficou olhando para ele, ele perguntou se ela sabia se o Israel sabia nadar e se ele era bom de fôlego, ela respondeu que sim. Lucas então respondeu: "Eu espero mesmo que sim, porque faz duas horas que ele caiu no rio e até agora não voltou".



Os dois viajantes

Autor(s): Antonio Zacarias Colares de Albuquerque
Região: Rio Maripaua, RDS
Juma, Novo Aripuanã - AM

Certa vez, dois viajantes andavam por uma floresta que não conheciam. Deram de cara com uma onça preta e um deles correu até uma árvore e rapidamente subiu nela para se salvar. Já o outro viajante, vendo que não teria tempo de fazer o mesmo, teve a ideia de se jogar no chão e se fingir de morto. A onça preta se aproximou do homem, cheirou ele bem de perto e, acreditando que o homem estava morto, virou as costas e foi embora. O amigo que estava na árvore desceu dela e perguntou ao seu amigo, o que a onça havia falado para ele que estivesse deixado ele viver. Ele respondeu: "Nada demais, apenas para eu não sair por aí viajando com gente que abandona os amigos nos momentos de perigo".



O sentimento de um filho

Era uma vez um pai e seus dois filhos que todo dia iam trabalhar. Essa história que vou contar não é como um dia qualquer. Lucas e Pedro saíram bem cedo de manhã para colocar os paneiros de mandioca na água. Era o tempo da seca e seu pai tinha ido atrás atrás de quelônios. Levou suas malhadeiras e procura um lugar mais fundo para atá-la com esperança de pegar alguns jaraquis. Vinha uma tempestade enorme, mas se achava o machão e dizia que não tinha medo de nada. Quando o Lucas e Pedro acabaram, pensaram em colher alguns frutos e a tempestade se aproximava da região. Colheram alguns frutos de cacau e passaram por um lugar onde nunca tinha ido. Foram andando e de repente os balaram. Eles tem uma mania de malinar um outro, mas dessa vez não era nenhum dos dois. Pedro sendo mais novo atacou logo calafrio. Ouviram um assobio e cochicharam um no ouvido do outro. Pedro falou isso só pode ser mizura. Eles seguiram viagem para sua casa. Já perto da sua casa começou a chover e no peito de Lucas deu uma dor e seu pensamento foi direto no seu pai. Chamou o Pedro, pegaram uma canoa e foram rumo da praia. A chuva estava muito grossa e encostaram a canoa. Encontraram seu pai gritando de dor e o ajudaram voltar para sua casa

Seus pés estavam sangrando muito e os limparam. Ele falou então que uma arraia tinha ferrado ele e os filhos então cuidaram do seu pai. Quando ele estava um pouco melhor, Pedro perguntou como tinha acontecido, ele falou que tinha acabado de juntar a malhadeira, que encostou a canoa na praia e foi andando na beira. Distraído, pisou numa arraia. Sem ninguém lá por perto para ajudar, ele ficou aperreado. Ele disse: "Até que vocês dois apareceram lá, só posso agradecer a Deus por ter dois filhos que me amam". Todos se emocionaram e se abraçaram.



Autor(a): Antonio Zacarias Colares de Albuquerque
Região: Rio Mariepaua, RDS
Juma, Novo Aripuanã - AM



O velho cacaçador

Autor(a): Antonio Zacarias Colares de Albuquerque
Região: Rio Maripaua, RDS
Juma, Novo Aripuanã - AM

Meu avô conta uma história de um senhor que morou há muito tempo aqui na comunidade. A história conta que este senhor foi para o Careiro da Várzea e, ao chegar lá, saiu para caçar. Ele encontrou e conseguiu pegar primeiro uma cutia. Depois, com muita sorte, conseguiu também pegar um jabuti. Mas ao passar das horas, a mata foi escurecendo e ele acabou se perdendo no mato. Então ele resolveu andar mais rápido atrás do caminho que ele fez, mas quanto mais ele andava, mas ele aparecia no mesmo lugar, então ele resolveu dormir ali mesmo no mato. Conta a história que este senhor ficou cinco dias e três noites perdido. Aí ele resolveu fazer um fumo e deixou em cima de um pedaço de pau. O fumo desapareceu e ele sabia que tinha sido a Curupira que tinha pego. Somente assim, ele conseguiu sair do mato mas, na beira da trilha da floresta, ele foi picado por uma cobra.



Esse senhor foi para cidade tratar a mordida de cobra. Um tempo depois , ele volta à comunidade e encontra 2 de seus amigos que o chamam para ir caçar, mas ele disse que não iria. Seus amigos insistiram e o chamaram de frouxo, então ele foi logo que eles entraram no mato. Na beira da floresta, ele sentiu um arrepio medonho e pensou que não poderia mais voltar ali. Ao retornar para sua casa, ele aguardou os instantes e os seus amigos chegaram dizendo que haviam matado a Curupira. Conta a história que esses dois homens Caçadores ficaram doidos depois, por dores de cabeça que nunca passavam e, um tempo depois, sem curar a dor de cabeça, esses homens morreram. Éassim que conta a história.

Ovos de cobra



Autor(a): Francinaldo Colares Ribeiro
Região: Rio Maripaua, RDS Juma,
Novo Aripuanã - AM

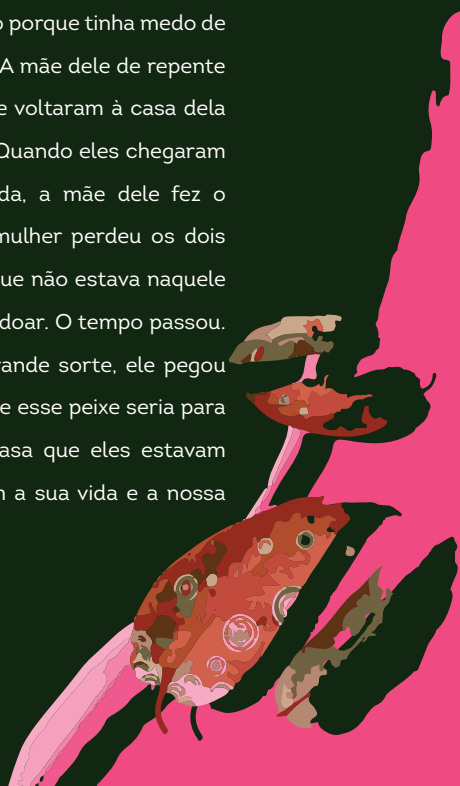
Era uma vez um homem chamado João que tinha um compadre chamado Pedro e a mulher de Pedro se chamava Marta. Teve um dia que João foi caçar e achou um ninho de cobra. Ele pegou cinco ovos e trouxe alguns para o seu compadre e a esposa. Eles gostaram e perguntaram onde que tinham mais ovos de cobra. João respondeu que era muito longe dali e que precisaria ter cuidado. João então voltou para sua casa. Pedro decidiu então ir atrás de ovos de cobra. Fez cinco paneiros, um para cada um dos seus filhos. Ele então saiu junto dos seus filhos para pegar os ovos de cobra lembrando do que o seu compadre João disse, que quando a cobra está dormindo, ela está com os olhos abertos e quando seus olhos estão fechados a cobra está acordada. Chegando lá, no ninho, Pedro e os seus filhos encheram os paneiros de ovos. E aí eles foram voltando com os paneiros cheios de ovos nas costas para casa. Quando eles estavam no meio do caminho, eles escutaram uma zoadá. E um deles disse: "Tá tudo bem. Isso é um avião". Mas na verdade era cobra. Um deles disse: "Não é não, essa zoadá é embaixo da terra e deve ser a cobra. Vamos subir nas árvores"! Todos ficaram apavorados e um dos filhos de Pedro disse Papai "Eu vou cair". E o pai disse que podiam cair que amanhã ele teria outros filhos. E a mulher de Pedro disse: "Marido, eu acho que eu vou cair". Ele respondeu: "Pode cair que amanhã eu tenho outra esposa". Então a cobra encheu o bucho de pessoas e foi embora. Pedro estava salvo. Ele então voltou chorando para casa, apavorado, e chamou o João e disse: "Compadre, eu fiz uma besteira muito grande". Pedro contou o que ele havia feito. E ele disse que fez a cobra comer seus filhos e sua esposa. Ele disse para eles caírem porque amanhã ele faria outros filhos e teria uma outra esposa. João disse: "Você tem que parar de bestidade, eu falei para você não ir pegar os ovos da cobra e para o senhor parar de pensar só em si. Agora o senhor vai ficar sozinho no mundo. Vai colher os frutos da própria, ganância".

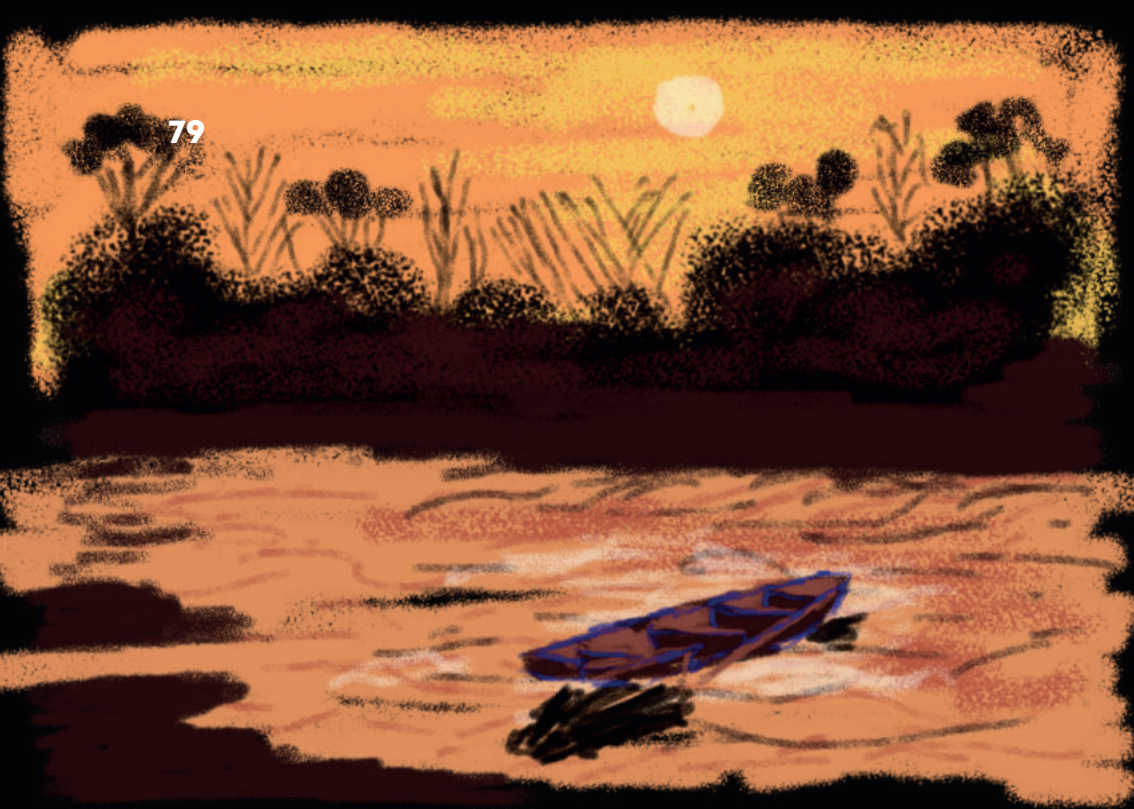
Perseverança

Autor(a): Shaene da Silva
Região: Rio Solimões, RDS Mamirauá,
Uarini - AM



Era uma vez uma mulher que estava grávida de dois bebês gêmeos. Um dia seu marido saiu para pescar e não voltou. A sua mulher sentiu então muita dor, mas ela falava que não era dor de ganhar os bebês porque faltavam dois meses para ela ter os bebês. De uma hora para outra ela começou a sangrar estando sozinha e as dores estavam cada vez mais fortes. Ela pensou em chamar a vizinha, só que estavam todo mundo para o sítio. Sem ninguém para ajudar, a mulher ela desmaiou. Na tarde seguinte, seu marido chegou da pesca. Ele encontrou sua mulher desmaiada e resolveu chamar a mãe dele. Ele conseguiu chegar até a casa da mãe e trazer ela para ajudar a sua mulher, ele dizia para sua sua mãe que estava desesperado porque tinha medo de perder os bebês e também a sua mulher. A mãe dele de repente percebeu que estava sem as suas luvas e voltaram à casa dela para buscar. Ele desesperou ainda mais. Quando eles chegaram a casa onde a mulher estava desmaiada, a mãe dele fez o curativo rapidinho, mas infelizmente a mulher perdeu os dois bebês e o marido da mulher chorou porque não estava naquele dia. E ele falou que nunca mais iria se perdoar. O tempo passou. Ele foi de novo pescar. Em um dia de grande sorte, ele pegou muito peixe. Ele disse para sua mulher que esse peixe seria para que pudessem vender e e comprar a casa que eles estavam tanto sonhando e foi assim que tocaram a sua vida e a nossa comunidade surgiu.





Praia grande

Autor(a): Luana Patrícia Garrido dos Santos

Região: Rio Negro, RDS Rio Negro,

Irlanduba - AM

Como muitas histórias baseadas em fatos reais, uma história contada por antepassados é visto como lenda. Em nossa famosa Praia Grande, podemos ainda ouvir vozes risos e sons de animais que não habitam ali, como galos e cachorros, principalmente a partir da meia-noite. Sempre no final do mês as pessoas juntavam-se ali para fazer um torneio e uma noite de festa para alimentação. Essas pessoas matavam várias espécies de peixes e bichos de casco.

Poraquê

Autor(a): Suziane Pontes Ferreira
Região: Rio Cuieiras, APA Rio Negro,
Manaus - AM

O pai do meu avô deixava ele em casa com seu irmão e dizia para eles não saírem de casa, quando foi um dia eles saíram para pescar aí a raia fez ferrou um deles. Outra vez mais uma vez desobedecendo o seu pai eles saíram para pescar. O rio estava enchendo e os dois andavam com duas flechas. Aí encontraram um Poraquê mexendo no capim, pensaram que era um Bodó e foram pegar com a mão. Só que não eram Bodó eram Poraquê, o peixe elétrico, que deu muito choque neles. Depois disso eles voltaram para casa e contaram ao seu pai, o que tinha acontecido. Seu pai brigou com eles, mas não entendia como confundiram um Bodó com um Poraquê



Seringal

Autor(a): não identificado
Região: Rio Solimões, RDS
Mamirauá, Uarini - AM

Era uma vez um grande seringal que as pessoas falavam que era assombrado. Um certo dia dois irmãos um de 16 anos e o outro de 15 anos decidiram entrar no seringal o mais novo disse que não poderiam entrar ali muitas pessoas que haviam entrado lá. Nunca mais tinham saído mundo o irmão velho respondeu que eles entrariam porque era um irmão e que nada poderia os separar. Num determinado dia entraram no seringal, fizeram seu acampamento e logo em seguida fizeram uma trilha. No outro dia, quando deu o horário, o irmão mais novo não voltou e aí o irmão mais velho decidiu ir atrás dele. Andou na trilha do irmão, quando chegou no final da trilha, viu o irmão mais novo caído no chão. Ele chamou e chamou pelo irmão, ele não acordava, então ele pegou o seu irmão e botou no ombro e o levou para onde estavam acampado. Lá novamente chamou pelo irmão que já não acordou mais. O irmão mais velho falou para seu pequeno irmão que estava morto que iria vingar achando o bicho que tinha feito isso com ele. Pegou sua arma e começou a andar na trilha que o irmão estava. Quando chegou no final da trilha, ele viu uma grande onça-preta e deu um tiro, mas não a acertou. Deu o segundo tiro e novamente não acertou.

Ela era muito rápida mas depois do sétimo tiro, ele conseguiu acertar onça e a levou para o acampamento. Quando chegou fez um buraco para enterrar o seu irmão e ele escutou uma voz falando para ele não enterrar seu irmão, pois ele estava vivo. O mais velho estranhou pois fazia três dias que o irmão mais novo não acordava. De repente o irmão mais novo acordou e perguntou o que tinha acontecido; o que aquela onça fazia ali mas o irmão mais velho não soube isso. Apenas foi com o irmão mais novo para a casa dele. O grande seringal nunca mais apareceu. Ele sumiu do nada

Terça-feira

Essa é uma daquelas histórias que poderia não ter tido um final feliz. Seria mais uma terça-feira comum e o sol estava bem quente. O dia estava bastante ventilado e eu, meus pais e minhas irmãs e amigas, decidimos ir para um passeio na Agrovila, lá em Tefé. Nós chegamos nesse local quase 4 horas da tarde. Fomos até o igarapé tomar banho, mas não havia ninguém lá, então decidi ir junto das minhas amigas, andando para o banho Tangureira. Elas reclamaram que era longe, mas insisti. Fomos andando descalças naquela estrada cheia de pedras. Ficamos com os nossos pés vermelhos, cheios de calo. Estávamos mortas de cansadas, mas quando chegamos lá, tudo aquilo valeu muito a pena, porque a água estava bem fria e tinha bastante gente legal. Nem demoramos muito porque já estava tarde e pensamos na volta. Chegamos em casa, depois da mesma estrada, comemos e dormimos. Essa foi uma das melhores terça-feiras da minha vida.

Autor(a): Paulo César dos Anjos
Região: Rio Negro, RDS Rio Negro,
Iranduba - AM



Tubarão

Eu fui procurar e ouvir histórias dos meus vizinhos, encontrei um senhor chamado Zé Maria. Ele tem 53 anos de idade e me contou uma história que aconteceu com ele durante a sua profissão de pescador. Ele contou a história de um peixe não muito comum. Em uma manhã, saiu com seus amigos para ver o seu espinhel. Espinhel é uma armadilha de peixe onde é colocada mais de 10 anzóis juntos. Ele seguiu o seu caminho para o flutuante de ser Hemir, que é mais abaixo da comunidade do Punã. Conversaram com seu Hemir e depois saíram na canoa de novo. Chegando no espinhel foram reparando de um por um. Quando viram o oitavo anzol, tinha uma espécie de peixe que ele até levou um grande susto. Disse que ao mesmo tempo era feio e bonito. Era um enorme tubarão e estava morto. Tiraram o bicho do anzol e levaram para um flutuante do seu Hemir e também levaram outros peixes da região. Acabaram quatro amoladores de faca tentando amolar os seus instrumentos para poder cortar o bicho, ele tinha cor preta 18 palmos de comprimento e 7 carreiras de dente. O cheiro era horrível. Trataram o tubarão, salgaram e depois o venderam. Seu Zé Maria disse que fazia 10 anos que pegou um tubarão parecido. Falou também para mim tomar cuidado, que nesse Rio Solimões tem muitos outros tubarões. Ele disse que tubarões vem nos navios que vrm do mar e passam pelos rios. Aí os bichos ficam por aqui. Até hoje o seu Hemir tem a cabeça do tubarão guardado.

Autor(a): Taila Vagen de Souza
Região: Rio Cuieiras, APA Rio Negro,
Manaus - AM



Tucunaré

Autor(a): Antonio Zacarias Colares de Albuquerque
Região: Rio Maripaua, RDS
Juma, Novo Aripuanã - AM

Uma vez sai junto com a minha irmã para pescar. Nada ia muito bem pois nenhum peixe aparecia. De repente, pulou um tucunaré gigante ao nosso lado e eu decidi ir remando atrás dele. Era um igapó muito fechado e desconhecido. Na volta, minha irmã estava junto e nós não sabíamos para onde era saída. A minha irmã começou a ficar desesperada e começou a gritar eu falei para ela não chorar, pois nós iríamos varar em casa naquele mesmo dia. De repente, eu olhei e vi aquele grande clarão e fomos naquela direção. Ainda bem que chegamos em casa. Já era quase noite e a minha mãe perguntou para nós o que estávamos fazendo aquelas horas no Rio. Eu falei que tínhamos nos três perdido e ela falou que nunca mais era para irmos pescar sozinhos senão ela ia brigar com a gente.



Uma noite e tanto

Autor(a): Henrique Praia
Região: Rio Solimões, RDS Mamirauá,
Uarini - AM

Teve uma vez que dois irmãos chamaram um colega para ir pescar. O colega falou que iria porque não tinha nada para fazer. Era no tempo da seca e umas 7 horas da noite. Da comunidade até a praia era mais ou menos meia-hora. Quando chegaram lá tinha muitos peixes. Ataram as malhadeiras e logo em seguida pegaram muitos peixes. De repente um dos colegas disse: "Henrique, me ajuda aqui, tem um negócio na malhadeira que está pesando e eu fui ajudá-lo. Quando puxamos as malhadeiras viram que era uma arraia tão grande que nenhum deles tinha visto algo daquele tamanho. Felizmente conseguiram tirar a arraia da malhadeira. Um dos colegas disse: "Henrique, olha aquele negócio no meio do rio pegando fogo!". E aí os meninos decidiram ir para praia. Quando pisaram na praia viram dois bichos correndo em direção deles e perceberam que eram dois búfalos, eles fugiram dos búfalos, mas começou a chover grosso. A praia começou a sumir com a enchente da água e foram ficando com muito medo, enquanto a canoa sem ninguém continuava a pegar fogo lá no meio do rio. Para irem para as suas casas os meninos precisaram esperar amanhecer. No outro dia contaram o que tinha visto na noite anterior e até hoje ninguém sabe dizer o que é.t

Autor(a): Antonio Zacarias Colares de Albuquerque
Região: Rio Mariepaua, RDS
Juma, Novo Aripuanã - AM

Uma noite inesquecível

Uma vez eu e minha irmã estávamos em casa sozinhas, porque meus pais tinham viajado. Quando chegou à noite, fomos dormir na casa de nossa tia. No outro dia, a gente também iria viajar e fomos deitar cedo. Quando foi meia-noite, ficou um luar e eu pensei que o dia estava amanhecendo e chamei a minha irmã para nós nos arrumarmos. Ela falou que eu estava ficando doida que era luar e não o dia amanhecendo. Mas eu insisti e, de repente, eu ouvi um barulho igual alguém que estava pregando um prego e eu falei: "Escuta, é o titio e ele já está no barco. Ela respondeu: "Isso não é ninguém não. Isso é o cachorro que está batendo o rabo na parede". Na verdade, ela tinha razão, mas eu tirei o mosquiteiro e fiz ela ir comigo para casa. Chegando lá, eu olhei o relógio e vi a hora e falei: "Minha irmã, não fica com raiva de mim, mas é melhor atar o mosquiteiro de novo, que vai custar a amanhecer". Eu não dormi nada com tanto medo daquele barulho, enquanto a minha irmã dormiu pesado. Quando ela acordou, me deu tanto ralhó e eu sorria. Nunca esqueço dessa noite.

Uma noite misteriosa





Autor(a): Abgail Peixoto de Oliveira
Região: Rio Mariépaua, RDS Juma,
Novo Aripuanã - AM

Em uma noite escura na comunidade Abelha estávamos eu e minhas amigas sentadas na passarela apreciando o lindo céu estrelado de frente para o Rio e se divertindo à beça. Na comunidade não tinha diesel e por isso estava tudo escuro. Na escola, os alunos do tecnológico estavam sem aula e estavam tomando banho no porto. Era época de cheia e o rio estava com a sua água mais ou menos uns 5 metros perto de onde estávamos. Conversa vai, conversa vinha, estávamos distraídas, quando do nada aparece um grande banzeiro vindo em nossa direção. A gente tomou um grande susto com aquele banzeiro e saímos correndo. Num só pulo entramos na minha casa. Minha mãe estava assustada com o nosso grito e perguntou o que tinha acontecido. Nós contamos tudo para ela e começamos a iluminar no Rio com uma lanterna, mas o banzeiro já tinha se desfeito. Nós voltamos e sentamos lá de novo, só que com mais medo que nunca, quando percebemos que tinha um grande banzeiro vindo de novo, como se estivesse passado uma rabetá. Depois contamos tudo para comunitários e eles sempre disseram que aquilo é uma cobra grande e que estava encantando a gente. Essa cobra grande, segundo os nossos vizinhos, sempre aparece nessa mesma época, pois o Rio está cheio e assim ela consegue passar.

Um dia na mata

Autor(a): Antonio Zacarias Colares de Albuquerque
Região: Rio Marlepaua, RDS
Juma, Novo Aripuanã - AM

Certo dia na comunidade Nova Jerusalém dois irmãos saíram para caçar. Era de manhã e os irmãos se prepararam e saíram pois gostavam muito de caçar, só não sabiam o que aconteceria naquele belo dia ensolarado de verão. Os dois andaram por muito tempo na mata, quando de repente o mais velho se deparou com uma onça, mas os dois não pararam e continuaram a andar. Quando já estavam andando à horas, resolveram parar um pouco. Depois de descansados, os irmãos resolveram andar, mas já era umas 11 horas. Anaram e andaram até que o menor descobriu que estavam perdidos. Os dois se desesperaram. Sem saber o que fazer, resolveram então parar e esfriar a cabeça. Quando deu umas 2 horas da tarde os irmãos começaram a andar sem direção. Não sabiam que tudo aquilo era um golpe da Curupira. Começou então a chover o que dificultou ainda mais a situação deles. Eles não pararam de andar, até que ouviram um som bem alto no meio da Mata, o que os deixou apavorados. Depois de um dia inteiro andando era começo da noite quando os dois conseguiram varar na beira do rio. Não tinha comunidade perto. Foi ali que passaram um pouco da noite. Era umas 8 horas da noite quando alguns homens os acharam no beiradão e levaram os dois até a casa deles. Foi assim que os dois conseguiram voltar para casa muito felizes.

Autor(a): Antonio Zacarias Colares de Albuquerque
Região: Rio Maripaua, RDS
Juma, Novo Aripuanã - AM

No período da seca no mês de agosto, em uma tarde ensolarada, os alunos do intercâmbio e a professora Laura, saíram juntos da escola para ir para praia, que fica bem em frente à nossa comunidade do Punã. Quando chegamos lá, tomamos banho, brincamos e nos divertimos muito. Era tanta gente, que parte da praia era criança jogando bola, na outra parte eram com jovens brincando de manja dentro e fora d'água. Lembro que tiramos fotos para deixar de lembrança e também fizemos vídeos sobre a poluição dos rios e praias. Na cheia a frente da comunidade é inteira de água barrenta do Rio Solimões. Na seca, dá para pisar no fundo do rio, pois são quilômetros de praia. Parece um deserto. Enquanto tomávamos banho, era praticamente possível pegar os peixes com as mãos. Havia muito peixe. Muitos deles saltavam da água na praia e alguns batiam no nosso rosto. O horário chegou e era momento de ir embora para nossas casas. Era também momento de despedida da professora Laura, porque era o último daquela oficina na comunidade Punã.

Um dia na praia

Visagem branca

Autor(a): Suziane Pontes Ferreira
Região: Rio Cuieiras, APA Rio Negro, Manaus - AM

Em um certo tempo, a família do meu bisavô Garrido viajou para Manaus e deixaram o Senhor Pedro tomando de conta de sua casa. Um dia esse senhor estava fazendo a sua janta e viu pela janela uma pessoa vindo pelo caminho do sítio em direção a sua casa. Com uma lamparina para iluminar o caminho, essa pessoa chegou na entrada principal da casa e subiu a escada da varanda. Ele ouvia tudo. O senhor tirou a sua janta do fogo e foi atender a pessoa, mas quando chegou na sala de entrada principal e abriu a porta, ele não viu ninguém na varanda. Era apenas uma visagem que ao longo do tempo, sempre alguém via uma imagem de pessoa que nunca viveu por lá. Até minha Vó Vera Lúcia, filha do vovô Garrido, chegou a ver um homem branco com uma bermuda verde. Nessa época passaram sempre espíritos de pessoas de branco e essa é uma dessas histórias de avistamentos por lá. Só veio parar de aparecer mizura ali quando começaram a acender uma caixa ou maço de vela no cemitério. Quem sabe os espíritos eram das pessoas que foram enterradas nesse cemitério perto do sítio do vovô Garrido.





FAS
Fundação
Amazônia
Sustentável



www.fas-amazonia.org



contato@fas-amazonas.org



[/fasamazonia](https://www.youtube.com/fasamazonia)

MANAUS / AMAZONAS

Rua Álvaro Braga, 351 - Parque 10

CEP 69055 660

(92) 4009-8900 / 0800-722-6459

IAÍMAR
Instituto Alair Martins